



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

**DESENVOLVIMENTO RURAL E
SEGURANÇA ALIMENTAR**

**FEIRINHA DA UNILA, UM MICROCOSMO DA DIVERSIDADE LATINO-AMERICANA
MEMÓRIA COLETIVA, HIBRIDAÇÃO CULTURAL E FORTALECIMENTO DAS
REDES SOCIAIS**

ADRIELLE CHICERI DA SILVA

Foz do Iguaçu
Ano 2025



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)**

**DESENVOLVIMENTO RURAL E SEGURANÇA
ALIMENTAR**

**FEIRINHA DA UNILA, UM MICROCOSMO DA DIVERSIDADE LATINO-AMERICANA
MEMÓRIA COLETIVA, HIBRIDIZAÇÃO CULTURAL E FORTALECIMENTO DAS REDES SOCIAIS**

ADRIELLE CHICERI DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Pinheiro

Foz do Iguaçu
2025

ADRIELLE CHICERI DA SILVA

FEIRINHA DA UNILA, UM MICROCOSMO DA DIVERSIDADE LATINO-AMERICANA
MEMÓRIA COLETIVA, HIBRIDAÇÃO CULTURAL E FORTALECIMENTO DAS REDES SOCIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Patrícia Pinheiro
UNILA

Prof^a. Dr^a Ana Alice Aguiar Eleutério
UNILA

Prof. Dr. Jeferson Tonin
UNILA

Foz do Iguaçu, 08 de Agosto de 2025.

AGRADECIMENTOS

Pensar no processo que me atravessa desde minha chegada à Foz, é como percorrer a memória da escrita desse trabalho de conclusão, são tantos os nomes que me ajudaram, os abraços que me sustentaram, nada foi fácil. Mas me sinto agradecida por enfim findar este ciclo.

Em primeiro lugar eu agradeço a resiliência e encantamento com a perspectiva de uma nova graduação que desde o primeiro contato me enamorei, da Adrielle do passado. Ela que me trouxe até aqui, quando terminava meu ciclo de viajeira e chegava à cidade vinda de um largo recorrido passando pelas mais intensas e vívidas aventuras entre Uruguai, Argentina, Bolívia e terminando no Paraguai - foi aqui que recebi o primeiro aconchego de voltar à casa, de retornar ao Brasil e por obra do destino ou uma mera coincidência quem me recebeu e me apresentou à possibilidade da Unila foram meus unileiros favoritos no mundo: “A casa amarela ainda vive em mim, obrigada Ianm, Thays, Mayara, Pedrinho, Furico” dessa recepção e dessa apresentação eu voltei e voltei para tecer minha própria história por aqui.

Os tempos não foram os melhores, recém chegava ao poder a linha mais vil e os ataques à educação foram o mote para muitas lutas, portanto se manter aqui nesse período foi uma grata vitória. Agradeço imensamente minha família, minha mãe em especial que mesmo na adversidade se fez presente com o pouco que podia para que não desistisse e pudesse me manter em alguns momentos mais duros.

Aqui nessa terra vermelha, num dos céus mais cativantes tive as mais incríveis aulas, as mais interessantes descobertas, agradeço a cada professor que me abriu a tantas novas possibilidades. Aqui também nasceu meu amor pelos movimentos sociais da forma mais genuína, os contatos com esses movimentos fizeram de mim alguém mais consciente e mais combativa. Hay que ser rebelde!

Antes que tome tantas linhas que se cansem, vou deixar alguns nome que fizeram minha caminhada por aqui mais leve, mais alegre, mais amor e que foram essenciais em tantos momentos distintos e por isso deixo minha gratidão por tê-los: Gabriel, Duda, Nath, Neto, Arnulfo, Karine, outra Duda, ao Alê e Lucas dois arqueólogos que chegaram na cidade e se fizeram tão presentes. Agradeço a Ari e também a Guada que nesse último ano esteve tão presente em alguns projetos e me apoiou num dos momentos mais tensos da minha vida.

E um agradecimento mais que especial à todos os feirantes que foram tão essenciais nesse meu tempo, que me apresentaram com minha linha de pesquisa:
Obrigada!

Por fim à banca examinadora e a orientação da professora Patrícia, pela insistência, pela cobrança. Foram muitos momentos tensos até poder concluir, teve quebra com outro orientador, teve querer desistir, teve um grave problema de saúde mas consegui e tu trouxe a calma e tranquilidade necessária para que eu pudesse concluir.

RESUMO

A pesquisa referida de trabalho de conclusão de curso analisa a Feirinha Agroecológica da UNILA como um microcosmo da diversidade latino-americana, investigando como esse espaço se constitui e se sustenta através da memória coletiva, das negociações culturais e das redes sociais. Sendo o objetivo principal compreender suas práticas, em relação às dinâmicas sociais e perceber as potencialidades da feira enquanto território de encontros, resistências e de pluralidade excepcional na vida universitária e comunitária. A escolha de metodologia, sendo de abordagem qualitativa, articula a pesquisa-ação, etnografia e a autoetnografia com a observação participante. Foram aplicados dois questionários semi-estruturados, a realização de um cartografia social e afetiva, além do uso de anotações de campo e planilhas das manifestações culturais. A análise demonstrou que ela ultrapassa as linhas gerais da mercância, sendo entendida como um agente ativo que condensa e reproduz dinâmicas do continente em que está inserido. Constatou-se que a memória permeia todo seu processo e opera como uma força política que legitima a feira, em que se performa nas trocas que vão dos saberes aos seus sabores. As negociações culturais, por sua vez, materializam-se na hibridação da comida e da arte, um processo que envolve tensões e afetos, mas que traz o sentido de pertença. Por fim, a cartografia desvelou a trama de reciprocidade e cuidado que a sustenta, revelando uma complexa rede de vínculos que funciona como o principal alicerce da feira. Conclui-se que a Feirinha se consolida como um laboratório de utopias, onde práticas agroecológicas, memória e interculturalidade se entrelaçam para construir alternativas de convivência e pertencimento.

Palavras-chave: feirinha agroecológica; memória coletiva; hibridação cultural; cartografia social; agroecologia

RESUMEN

La investigación mencionada en el trabajo de fin de curso analiza la Feria Agroecológica de la UNILA como un microcosmos de la diversidad latinoamericana, investigando cómo se constituye y se sostiene este espacio a través de la memoria colectiva, las negociaciones culturales y las redes sociales. El objetivo principal es comprender sus prácticas en relación con las dinámicas sociales y percibir el potencial de la feria como territorio de encuentros, resistencias y pluralidad excepcional en la vida universitaria y comunitaria. La elección de la metodología, de enfoque cualitativo, articula la investigación-acción, la etnografía y la autoetnografía con la observación participante. Se aplicaron dos cuestionarios semiestructurados, se realizó una cartografía social y afectiva, y se utilizaron notas de campo y hojas de cálculo de las manifestaciones culturales. El análisis demostró que trasciende las líneas generales de la mercancía, entendiéndose como un agente activo que condensa y reproduce las dinámicas del continente en el que se inserta. Se constató que la memoria impregna todo su proceso y opera como una fuerza política que legitima la feria, en la que se manifiesta en los intercambios que van desde los conocimientos hasta sus sabores. Las negociaciones culturales, por su parte, se materializan en la hibridación de la comida y el arte, un proceso que implica tensiones y afectos, pero que aporta un sentido de pertenencia. Por último, la cartografía ha desvelado la trama de reciprocidad y cuidado que la sustenta, revelando una compleja red de vínculos que funciona como el principal pilar de la feria. Se concluye que la Feira se consolida como un laboratorio de utopías, donde las prácticas agroecológicas, la memoria y la interculturalidad se entrelazan para construir alternativas de convivencia y pertenencia.

Palabras clave: feria agroecológica; memoria; hibridación cultural; cartografía social; agroecología.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – 1º Feirinha - Cantinho do Sabor.....	20
Figura 2 – Mapa de Origem Participantes, Feirantes e Frequentadores.....	33
Figura 3 – 1º Parceria Sinditest, Sesunila + Feirinha.....	43
Figura 4 – 1º Viradão Cultural Unileiro: Grito MUDA.....	45
Figura 5 – Fotos Jornada de PANCs - Puerto Iguazú.....	48
Figura 6 – Feirinha “Fim de Ciclo” - Despedida.....	53
Figura 7 – Confecção da Cartografia Social e Afetiva da Feirinha. JU.....	64
Figura 8 – Ecopoesia coletiva.....	66
Figura 9 – Confecção da Cartografia Social e Afetiva da Feirinha. CI.....	67
Figura 10 – Folhas de respostas que foram compartilhadas para a etapa de identificação e agrupamento dos sentidos das palavras mais recorrentes.....	70
Figura 11 – Processo de Confecção da Cartografia Social e Afetiva.....	71
Figura 12 – Nuvem de Palavras.....	72
Figura 13 – Produtos Agroecológicos.....	74
Figura 14 – “Olla Comunitaria” - Sancocho.....	77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil Sociodemográfico de Produtores e Feirantes.....	27
Tabela 2 – Categorias Temáticas do Significado Afetivo dos Alimentos.....	34
Tabela 3 – Perfil das Variações Artísticas e Culturais por Participante.....	41
Tabela 4 – Como os feirantes lidam com conflitos.....	56
Tabela 5 – Efeitos da participação coletiva nas relações.....	57
Tabela 6 – Avaliação da autogestão pelos feirantes.....	57
Tabela 7 – Perfis de Produtores.....	59

LISTA DE ANEXOS

Anexo A – Guia para condução da Cartografia social e afetiva.....	85
Anexo B – Questionário semi estruturado.....	91

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ILAACH	Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História
ILACVN	Instituto Latino-Americano de Ciências da Vida e da Natureza
ILAESP	Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política
ILATT	Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 A FEIRINHA COMO LUGAR DE MEMÓRIA E IDENTIDADE.....	17
2.1 DA SEMENTE A PRESENÇA: HISTÓRICO E PRIMEIRAS VIVÊNCIAS NA FEIRINHA.....	17
2.2 REDES QUE REATAM: ESCUTAS, INSPIRAÇÕES E ALIANÇAS EM MOVIMENTO.....	21
2.3 COMENSALIDADE E EXPANSÃO ALIMENTAR: SABORES EM TRÂNSITO E NARRATIVAS PARTILHADAS.....	23
2.4 QUEM FAZ A FEIRINHA: SUJEITOS E CONTEXTOS LOCAIS.....	25
3 DIVERSIDADE CULTURAL E PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA.....	28
3.1 DIVERSIDADE ALIMENTAR E CULINÁRIA COMO EXPRESSÃO CULTURAL.....	31
3.2 O PALCO VIVO: PRÁTICAS ARTÍSTICAS E VOZES COLETIVAS.....	39
3.3 AGROECOLOGIA VIVIDA: DIFERENTES SABERES, MÚLTIPLAS PRÁTICAS.....	59
4 A TRAMA VISÍVEL: CARTOGRAFANDO AS RELAÇÕES (IN)VISÍVEIS NA FEIRINHA.....	62
4.1 CARTOGRAFIA EM CONSTRUÇÃO: A PARTILHA	63
4.2 PALAVRAS QUE TECEM A FEIRA.....	68
4.3 OS PONTOS QUENTES DO LUGAR.....	75
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78.

1 INTRODUÇÃO

A Feirinha Agroecológica da UNILA nasceu em 2016, emergindo como um espaço de confluência entre agroecologia, diversidade cultural e práticas de resistência sociopolítica. Conectando saberes acadêmicos e populares, a Feirinha constitui-se em um território de trocas simbólicas e materiais, promovendo a integração entre estudantes, pequenos agricultores familiares, feirantes de culinária e artesanato e a comunidade local. Originada por iniciativas alinhadas ao Núcleo de Apoio aos Povos da Terra (NAP Terra)¹, articula práticas autogestionadas e valores de sustentabilidade, entrelaçando-os com o fortalecimento das redes de economia solidária, segurança e soberania alimentar. Essa diversidade latino-americana manifesta-se de forma concreta nas mesas da Feirinha, que abrigam pequenos agricultores com bases agroecológicas e oriundos de Movimentos Sociais como o MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, com imigrantes, e artistas urbanos, artesanatos variados e oferecendo na parte gastronômica uma infinidade de alimentos como empanadas argentinas, arepas colombianas, tacos mexicanos, munguzá da Bahia e pães caseiros do interior do Paraná.

Localizada na Tríplice Fronteira, no município de Foz do Iguaçu, reconhecida como um dos principais pólos turísticos e culturais do Brasil, a feira é marcada pela confluência de diferentes nacionalidades, etnias e práticas sociais. Sua posição estratégica transfronteiriça confere ao município uma dinâmica própria, caracterizada por intensos fluxos migratórios, circulação de mercadorias e intercâmbio cultural. Esse contexto multicultural é resultado de processos históricos de ocupação e desenvolvimento, que transformaram a cidade em um espaço de convivência e negociação entre múltiplas identidades (MARTINS; RUSCHMANN, 2025).

Nesse cenário pulsante que se bordeia e delinea geograficamente entre as fronteiras de Argentina e Paraguai se insere a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), criada em 2010 com o propósito de promover a integração regional e despontar como prelúdio de uma integração latino-americana forte, diversificada e de cooperação solidária entre instituições e organismos governamentais e internacionais. A UNILA reúne estudantes e docentes de vários países da América Latina e Caribe, consolidando-se como um espaço intercultural, de produção de conhecimento e

¹ O Núcleo de Apoio aos Povos da Terra (NAP) é um projeto de extensão da UNILA que promove ações em agroecologia, sustentabilidade e economia solidária apoiando coletividades camponesas, indígenas e agricultores familiares na região do Oeste Paraná e áreas vizinhas do Paraguai e Argentina, por meio de feiras, mutirões e ações de soberanias alimentar na região trinacional desde 2016.

desenvolvimento de práticas extensionistas transformadoras, como a Feirinha Agroecológica, que reflete um mosaico rico de experiências e saberes presentes na instituição (UNILA, 2025).

Este estudo busca compreender a Feirinha como um espaço dinâmico de construção de memórias, identidades e redes sociais, a partir de uma abordagem etnográfica que combina observação participante, entrevistas semiestruturadas, cartografia social e autoetnografia crítica. À medida que foi traçado o retorno da Feirinha pós-pandemia, se observa que não apenas ela reativa a comercialização de produtos agroecológicos, mas reacende disputas simbólicas e negociações de pertencimento. O Cantinho do Sabor, que foi um espaço criado e ocupado por estudantes para garantir a sua segurança alimentar, por exemplo, tornou-se um lugar de memória paradoxal: provisório para a universidade, mas sagrado para estudantes que lutaram pela ocupação do espaço, reivindicando o direito a um mínimo de segurança alimentar.

A história do Cantinho do Sabor, também remete a 2016 a partir da iniciativa de estudantes diante do corte de bolsas de permanência estudantil, ilustra a criatividade e força política de uma geração que, frente à exclusão institucional, criou um espaço autogestionado de comercialização de alimentos. Assim a simbologia no acolhimento do Cantinho à Feirinha, se transmuta e reforça a resistência estudantil em tempos adversos, na reivindicação por dignidade alimentar por meio da organização coletiva. Em 2022 o espaço foi estrategicamente articulado para o retorno da Feirinha, quando o local anterior ainda se encontrava danificado. A aliança entre duas experiências populares e autônomas, Cantinho e Feirinha - reafirma a potência das práticas comunitárias como alternativas concretas de permanência e transformação no âmbito institucional.

A partir desse percurso, insere-se a Feirinha no debate contemporâneo sobre lugares de memória, rememorando toda essa trajetória rica e com tantos atores sociais (NORA, 1984). Trata-se também de um palco de zonas de contato e culturas em movimento (CLIFFORD, 1995), onde a hibridização cultural (CANCLINI, 1995) é constitutiva da experiência, funcionando como um microcosmo da América Latina. Transpassando o corriqueiro da mercância, a Feirinha demonstra-se como um laboratório vivo de resistência e experimentação, contribuindo para debates sobre soberania alimentar, sustentabilidade (SABOURIN, 2009) e pedagogias comunitárias. Adicionalmente, inspira-se na perspectiva de Clifford Geertz (1978) para investigar os significados simbólicos atribuídos pelos participantes às suas práticas cotidianas.

A questão que norteia este trabalho é: como a Feirinha Agroecológica da UNILA, enquanto microcosmo da diversidade latino-americana, se constitui através da memória coletiva, das negociações culturais e das redes sociais que a sustentam? Para respondê-la, o objetivo principal é analisar as práticas, dinâmicas sociais, culturais e as potencialidades desse espaço, compreendendo sua relevância e papel na vida universitária e comunitária, como território de encontros, resistências e pertencimentos múltiplos.

À luz das experiências vividas e observadas esboçam-se os seguintes objetivos específicos: compreender a Feirinha como um lugar de memória e identidade coletiva, valorizando suas origens, trajetórias e enraizamentos coletivos; explorar as dinâmicas de encontro e hibridização cultural que atravessam o cotidiano da Feirinha, revelando seus efeitos na constituição de pertencimentos múltiplos, resistências políticas e fortalecimento comunitário; escutar e sistematizar os sentidos atribuídos à Feirinha pelos sujeitos que nela habitam e a atravessam, considerando as narrativas, afetos e redes de reciprocidade que emergem do campo etnográfico e das experiências vividas.

Para responder à pergunta central desta pesquisa e alcançar os objetivos propostos, foi adotada uma abordagem qualitativa, com ênfase na etnografia engajada e multivocal, conforme proposta por Clifford (1995). Essa abordagem parte do reconhecimento que a pesquisadora está implicada no campo, e não separado dele, assumindo uma postura comprometida com os sujeitos e os processos que investiga. Nesse sentido a Feirinha sendo compreendida não somente como objeto de estudo, mas como território de pertencimento, no qual me inscrevo também como participante ativa e mediadora de experiências.

Por conseguinte, a multivocalidade orienta a escuta e a valorização de diferentes vozes perspectivas que se apresentam na Feirinha - sejam elas de feirantes, estudantes, visitantes, artistas, coletivos parceiros ou atores institucionais. Em vez de buscar uma narrativa única ou harmoniosa, essa pesquisa se propõe a acolher as dissonâncias e os sentidos diversos e até contraditórios que emergem no cotidiano.

As técnicas utilizadas - observação participante, cartografia social e afetiva, aplicação de questionários semi-estruturados e autoetnografia crítica - foram acionadas de forma articulada, compondo uma metodologia sensível às dinâmicas vividas e aos contextos históricos, sociais e políticos que atravessam a Feirinha. Assim, a pesquisa se constrói como um processo reflexivo, situado e compartilhado.

A observação participante, realizada entre maio de 2022 e dezembro de

2024, permitiu acompanhar os encontros e desencontros que se dão nos dias da Feirinha. Acompanhando as montagens das mesas até os bastidores das falas com a universidade, observei os desdobramentos que vão além dos dias de feira e perpassam práticas agroecológicas, culturais e políticas - como as roças produzidas, visitadas na chácara de umas das produtoras, as performances artísticas, o artesanato, os sabores e as trocas que expressam, em ato, a diversidade latino-americana. Esse mergulho permitiu reconhecer as zonas de contato (CLIFFORD, 1995) entre sujeitos diversos e os sentidos que ali se negociam e se reinscrevem.

Já os questionários semi-estruturados foram aplicados em dois momentos: um total de 62 pessoas do público frequentador e participante da Feirinha respondeu ao formulário entre agosto e setembro de 2024. Paralelamente, 11 pessoas entre feirantes e produtores participaram de outro questionário, mais voltados às vivências no processo de produção e comercialização, também no mesmo período.

Esses instrumentos buscaram captar percepções sobre o espaço, os vínculos formados, os desafios enfrentados, os pontos de fricção e as potências do coletivo. Os dados ofereceram um panorama qualitativo e quantitativo das relações da Feirinha, permitindo mapear dinâmicas de reciprocidade, cuidado e conflito.

A cartografia social e afetiva, realizada ao final de setembro (no JU) e início de outubro (no CI) de 2024, complementou essa escuta ao produzir representações visuais das redes de interação e apoio que se formam e se transformam no tempo. Esse mapa colaborativo trouxe à tona os fluxos de solidariedade, os pontos de atrito, a percepção em relação à instituição e as conexões invisíveis que costuram esse território compartilhado.

A autoetnografia crítica foi fundamental para refletir sobre memória, posicionalidade e experiência pessoal (NORA, 1993), especialmente considerando minha trajetória no processo de articulação e organização da Feirinha. Inicialmente inserida como participante ativa, tempos depois passando a articuladora junto ao coletivo de feirantes, o elo com as instâncias institucionais e mediadora de atividades culturais e pedagógicas, minha atuação foi atravessada por laços, por afeto, responsabilidades práticas e engajamentos políticos.

No decorrer do tempo, essa experiência foi expandida para o campo de pesquisa de uma forma orgânica, num processo de transição em que a vivência no dia a dia passou também a ser objeto de reflexão crítica. Portanto, a partir dessa dupla posição de dentro e de fora - a autoetnografia tornou-se um caminho metodológico potente para

compreender os sentidos que perpassam e são atribuídos à Feirinha, tanto pelos outros participantes como a mim mesma.

Esse método incorporou anotações de campo que incluem registros de conversas informais, reuniões de organização, mensagens do grupo de whatsapp, percepções e memórias pessoais, além de registros fotográficos e afetivos, compondo a tessitura de experiências que integram o olhar da pesquisadora ao tecido vivo das práticas e relações que a estruturam.

Sendo assim, essa combinação metodológica buscou responder diretamente à pergunta de pesquisa, ao permitir acessar tanto as camadas visíveis quanto as sutilezas simbólicas e subjetivas da experiência da Feirinha. Esse arcabouço fornece solo fértil a partir do qual se desenrolam as bases para as análises desenvolvidas nos capítulos seguintes, possibilitando compreender como a memória coletiva, as negociações culturais e as redes sociais sustentam e transformam a Feirinha enquanto microcosmo latino-americano e espaço de resistência e aprendizado coletivo.

O trabalho está estruturado em 3 capítulos. O primeiro, A Feirinha como Lugar de Memória e Identidade, aborda seu histórico, da fundação à rearticulação em 2022, e o encontro de identidades. O segundo, Diversidade Cultural e Produção Agroecológica, explora a relação entre práticas culturais, diversidade alimentar e agroecologia. O terceiro capítulo, Dinâmicas Sociais e Cartografia das Relações, investiga redes de solidariedade e reciprocidade por meio de uma análise cartográfica e etnográfica. Por fim, nas considerações finais propõe-se a reunir os principais aprendizados e reflexões produzidas ao longo do percurso, sugerindo caminhos possíveis para o fortalecimento de iniciativas comunitárias, políticas institucionais e práticas extensionistas comprometidas com a valorização da diversidade cultural, da memória coletiva e da construção de alternativas sustentáveis e solidárias no contexto universitário latino-americano

Ao longo da análise articula-se uma reflexão sobre economia solidária, memória social e negociações culturais, buscando contribuir com subsídios teóricos e empíricos para compreender a Feirinha como um espaço vivo de experimentação, onde práticas agroecológicas, afetos e saberes se entrelaçam no cotidiano.

2 A FEIRINHA COMO LUGAR DE MEMÓRIA E IDENTIDADE

Neste capítulo, teço as primeiras linhas de um percurso que também é vivência. Volto a olhar para os fios que deram origem à Feirinha Agroecológica, entrelaçando ações de extensão, encontros entre campo e universidade, e o florescimento de um território. Ao revisitar sua história, pude compreender como esse espaço foi se tornando um lugar de pertencimento onde memórias se atualizam, identidades se cruzam e práticas agroecológicas ganham forma em benquerença, ritmos e lutas.

2.1 DA SEMENTE À PRESENÇA: HISTÓRICO E PRIMEIRAS VIVÊNCIAS NA FEIRINHA

A Feirinha Agroecológica da UNILA se apresenta como uma boa anfitriã, denotando ser, em sua essência, muito aquém de apenas mercância de produtos. Ela tece caminhos, desbrava pontos de convergência e se consolida como espaço diverso, onde o encontro entre saberes acadêmicos e populares proporciona trocas econômicas, culturais e afetivas.

Sua origem remonta ao ano de 2016, como desdobramento de uma série de iniciativas de extensão e pesquisa que conectavam a universidade aos processos de reforma agrária no Oeste do Paraná. Professores e estudantes de Ciência Política e Sociologia da UNILA estreitaram laços com o Assentamento Antônio Companheiro Tavares, localizado em São Miguel do Iguaçu, a cerca de 50 km de Foz do Iguaçu. O objetivo era claro e profundamente enraizado: fortalecer os vínculos com os jovens do assentamento, contribuindo para sua permanência no território e apoiando suas práticas agrícolas sustentáveis.

Essas aproximações deram origem a uma ação de extensão voltada à educação popular em áreas de reforma agrária, somando-se a outras experiências históricas da universidade: Jornadas Universitárias em Defesa da Reforma Agrária, Estágios Interdisciplinares de Vivência, núcleos de agroecologia, visitas a acampamentos e assentamentos, além de diálogos permanentes com movimentos sociais para a construção de currículos e cursos voltados à educação do campo.

Inspirada também nas feiras agroecológicas dos campi da UNIOESTE, e a partir de seminários e visitas de campo guiadas por agricultores assentados dos municípios de Missal e Ramilândia, a Feirinha ganhou corpo e chegou à UNILA como

proposta concreta. A articulação do Núcleo de Apoio aos Povos da Terra (NAP Terra), especialmente nos anos de 2017 e 2018, foi determinante para sua consolidação inicial. O projeto envolvia visitas às propriedades, incentivo ao consumo consciente, práticas de comercialização direta e integração com Jornadas Agroecológicas.

Damos um salto temporal. O ano era 2019, eu acabava de chegar a Foz do Iguaçu, havia em mim muitos desejos, muitas vontades. Uma euforia por conhecer todos os espaços que passariam a ser meu cotidiano pelos próximos anos. Então meu primeiro olhar para a Feirinha foi o de expectadora, porque gostava de ver tudo que se passava por ali, como que desenrolando um filme numa cadência diferente, mais lento. Nesse dia os encontros eram a máxima e ansiava por esse dia, frente à semana de compromissos acadêmicos. Assim que cheguei à universidade os dias que se dedicavam à Feirinha eram as quintas-feiras. As lembranças dos verões quase sempre tórridos, um céu deslumbrante com os mais lindos entardeceres e muitos deles foram vividos ali no gramado da entrada principal onde se concentrava a maioria dos antigos e dos novos estudantes como eu. Recordo de passar pelo corredor esbarrando em uma e outra mesa a buscar repousar meu corpo no chão e sentir o gramado roçar a pele. Aproveitava o momento para observar com paciência as meninas com saias enormes e muito coloridas a embalar o carimbó (ritmo nortista), vez ou outra uma roda de capoeira. Sempre uma rodinha de amigos para chegar, uma comidinha para querer, sim, além do social, era dia de poder passear pelos feirantes e escolher algo para comer ou para levar para o preparo do jantar na casa que me acolhia e que dividia com amigos.

Já no ano de 2022, foi quando eu passei de espectadora para articuladora, com a lembrança do que foi, ainda vívida, e o entendimento da importância daquele espaço e do que ele representou no meu processo de chegada. Era o momento oportuno de reviver aquela acolhida tão necessária diante de tempos sem socialização, a possibilidade se materializou após publicar uma chamada pública aberta para interessados em reativar o retorno da Feirinha e ser partícipe desse processo. Busquei o antigo professor que coordenava o projeto de extensão da Feirinha no ano de referência da minha entrada, que me compartilhou muitos dados e muito da história, também pedi suporte a uma companheira da universidade que esteve envolvida com os nomes da produção agroecológica que haviam participado como feirantes. Em maio daquele mesmo ano tivemos então nossa primeira reunião no hall de entrada da universidade no Campus

JU², contamos com pouco mais de 10 pessoas, dentre elas, uma referência na produção agroecológica, alguns alunos que anteriormente participavam e novos interessados se permitindo descobrir a possibilidade que se apresentava diante deles, o retorno da Feirinha Agroecológica. Dessa experiência e primeiro contato pessoalmente, escolhemos um novo dia de feira. O dia escolhido, levando em consideração os atores sociais desse processo, foi às quarta-feiras.

Entre 2022 e 2023, no esforço de reconstrução pós pandemia, e com a Feirinha como algo a concretizar sua volta, encontramos abrigo no Cantinho do Sabor - um espaço que, à primeira vista, poderia ser apenas um ponto de apoio físico, mas que para nós reforçou a simbologia da resistência estudantil na sua prática, perdurando no espaço acadêmico. A escolha e articulação por ali ocupar, se deu também por necessidade: o antigo espaço da entrada havia sido perdido por uma tempestade, sem previsão de reparos naquele momento. Mas naquele gramado que circundava o entorno ao Cantinho do Sabor, entre mesas improvisadas no corredor de acesso e rodas de conversa, nasceu um tempo fértil de partilhas.

O Cantinho nos acolheu com sua memória de lutas estudantis e se transformou em palco vivo da nossa presença política no viés acadêmico. Foi ali que nossas conversas tomaram forma, que nossa luta pelo RU (Restaurante Universitário) com corpo e sabor ganhou eco, que as vozes se encontraram e o coletivo se fortaleceu, se firmando a cada quarta-feira. A ocupação tampouco sendo apenas de teor logístico e de mínima infraestrutura, foi uma escolha simbólica. Sendo o lugar onde voltamos a nos reconhecer e o processo de redes ativado.

² A UNILA possui três campi principais: JU, CI e Parque Tecnológico Itaipu (PTI), entre os quais circulam estudantes de diferentes nacionalidades e cursos.

Figura 1: 1º Feirinha - Cantinho do Sabor, jun. 2022 - acervo coletivo Feirinha.



Em 2024, a Feirinha retorna para a entrada principal do JU, local de sua gênese enquanto projeto institucional através da extensão universitária. Essa volta também denota significado, uma vez que não se tratava apenas de retomar um ponto de maior visibilidade, mas de reafirmar nossa trajetória e retomar uma memória. A visibilidade que desejamos de volta, encontrou nesse novo momento, um convite adensado para robustecer a Feirinha como espaço intercultural dentro da UNILA.

Simultaneamente, naquele mesmo ano, a Feirinha expande suas raízes e passa a acontecer também às quintas-feiras no Campus Integração - se deu num processo de entender e escutar as demandas dos estudantes que pediram e pela experiência exitosa em outras oportunidades que a Feirinha já havia se deslocado ao Campus para compor outros momentos dentro de eventos da UNILA. Essa ampliação representa um desdobramento logístico importante que veio carregado de desafios. Envolveu articulações, reuniões internas e com as instâncias institucionais com encaminhamentos junto à pró-reitoria de Extensão, PROEX e setores de infraestrutura, processo pelo qual foi possível garantir o corredor em frente ao auditório Lélia Gonzalez, ou seja, a viabilidade do espaço e das condições mínimas para a ocupação da feira também às quintas-feiras. Ainda que complexa e desafiadora, essa conquista traduziu a

expressão do nosso desejo de ocupar novos territórios, de ampliar as possibilidades de troca, de se fazer presente em múltiplos espaços da universidade. A presença da Feirinha em dois campi representa um tempo de colheita, onde a semente lançada em 2016 mostra seu viço, seu poder de germinar em diferentes solos.

Desde então, a Feirinha tem sido cultivada como território de experimentação, onde agroecologia, economia solidária, arte e resistência social se encontram. Um espaço plantado com as sementes da luta por soberania alimentar e regado com os afetos cotidianos de quem acredita no encontro como forma de transformação.

2.2 REDES QUE REATAM: ESCUTAS, INSPIRAÇÕES E ALIANÇAS EM MOVIMENTO

Rearticular a Feirinha, em 2022, não foi apenas retomar um evento que havia cessado. Era, sobretudo, escutar. Escutar os silêncios que se alongaram, as ausências que se fizeram sentir, algumas delas que não mais voltariam, os desejos guardados de quem já havia vivido esse espaço ou em quem apenas havia ouvido histórias. Ao abrir o convite à comunidade através de uma chamada pública aberta, marcamos ali um recomeço, era essa escuta que era levada como guia: saber quem ainda estava, quem queria estar e com que sonhos e saberes poderíamos semear de novo. Uma escuta que se pretendia profunda, guiada pela pedagogia de Paulo Freire. Para o autor, a escuta autêntica transcende o ato de ouvir; ela é uma postura ética e política. Em suas palavras, “Escutar no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro” (FREIRE, 1996, p. 61).

Foi nesse processo que busquei referências que me ajudassem a costurar redes com mais cuidado e intenção. Uma das minhas maiores fontes de inspiração veio do projeto A Teia – Redes Culturais Universitárias que escrevi e coordenei entre 2020 e 2021 com estudantes bolsistas e voluntários. A Teia surgiu da inquietação: como visibilizar as muitas expressões culturais presentes na UNILA? Como reconhecer os artistas, os fazedores de cultura da universidade e de seus territórios de origem? Até então todos continuavam com seus processos, solitários, adormecidos devido à pandemia de Covid-19.

Guiada pelos princípios do Cultura Viva, A Teia promoveu encontros virtuais, rodas de conversa, distribuiu formulários participativos e promoveu um evento de

economia solidária e arte. Este que foi o primeiro grande evento onde pudemos ter um encontro presencial quando o retorno as atividades começavam timidamente a voltar. O que se revelou ali foi um tecido vivo de práticas insurgentes, interculturais e de muita pluralidade, atravessado por lutas e modos de fazer que escapam das institucionalidades rígidas. Esse repertório me marcou muito.

A experiência da Teia³ me ensinou sobre o valor da escuta lenta, da mobilização horizontal, do reconhecimento de cada gesto cultural como ato político e pedagógico. Também mostrou que cultura não é adereço, ela tem compasso, cadência e vibra. Ela sustenta a memória, dá forma ao pertencimento, situa essas gentes e ainda costura alianças. A definição de Célio Turino, idealizador do programa Cultura Viva, ilumina essa percepção. Para ele, “a cultura é viva porque está sempre em mutação e se reproduz sem perder o fio tênue da história, unindo passado presente e futuro” (TURINO, 2015). Foi com essa lente, a de uma cultura viva, que passei a ver a Feirinha, não somente como um lugar que comercializa produtos agroecológicos, comidas diferentes, mas como território-vivo de práticas culturais, um Ponto de Cultura vivo, mesmo que não nomeado como tal.

Na prática, isso se traduziu em gestos simples mas potentes. Pensar o retorno com um convite coletivo através de uma chamada pública aberta, mapear saberes e experiências, criar momentos de partilha que extrapolassem a lógica do evento para alcançar a lógica da vivência. Nesse ritmo, em coletivo, foi sendo construída a Feirinha a cada quarta-feira. Nos propúnhamos a ocupar, a levar produtos, a negociar nossa permanência - preparando um espaço de ativação e vínculos, onde se cozinham ideias e se cultivam projetos conjuntos.

Se A Teia foi um projeto de começo, meio e fim, sua pedagogia permanece viva. Ela reverbera em muitas das conversas de bastidor, em cada nova parceria forjada, em cada decisão tomada de forma compartilhada. Por isso, essa seção não é sobre A Teia ou sobre Cultura Viva tão somente. É como essas referências alimentaram o retorno da Feirinha, não como repetição do que foi, mas como reinvenção de um espaço que pulsa no tempo presente. Segue em mutirão em constante reinvenção, no compasso dos vínculos que vão se formando.

Nesse percurso se faz necessário também tensionar o papel das

³ A Teia foi um projeto de permanência estudantil realizado através de edital da Unila.

instituições universitárias. A experiência de A Teia⁴, do Cantinho do Sabor, que trouxeram seu histórico, assim como a própria dinâmica da Feirinha, evidencia a urgência de se pensar espaços autônomos e coletivos que resistam à burocratização da cultura e da extensão. Projetos como esse muitas vezes florescem à revelia de estruturas institucionais engessadas, mostrando que as práticas culturais vivas demandam reconhecimento, mas também liberdade para criar, propor e pertencer.

2.3 COMENSALIDADE E EXPANSÃO ALIMENTAR: SABORES EM TRÂNSITO E NARRATIVAS PARTILHADAS

Um dos aspectos mais marcantes do retorno da Feirinha foi a chegada de novos feirantes da comunidade, algo menos frequente antes da pandemia. Essa nova onda de participação ampliou significativamente as ofertas gastronômicas. O espaço da Feirinha passa a refletir, de maneira quase orgânica, a riqueza cultural e alimentar que caracteriza a América Latina e suas diásporas, cada vez mais notada pela procura de novos feirantes, sejam alunos ou membros da comunidade externa.

Entre as novas mesas, é possível encontrar pratos mexicanos, como tacos e quesadillas, iguarias argentinas como alfajor, empanadas e choripán, culinária colombiana e venezuelana com as famosas arepas, além das delícias brasileiras: pastel de feira, coxinha, munguzá e pães caseiros variados. Esse aumento na diversidade de comidas típicas reflete não apenas a ampliação do público da Feirinha, mas também o seu fortalecimento dentro da universidade, onde diferentes tradições alimentares coexistem e se complementam. Cabe lembrar que essa oferta na alimentação típica e cultural de outros lugares pode variar, isso se dá pela mobilidade flutuante de estudantes feirantes que vão embora, mudam ou terminam seu ciclo dentro da universidade.

A riqueza dessas delícias simbolizando diferentes lugares, conferiram um carinho e um saudosismo aos migrantes de toda latinoamérica que vêm estudar na UNILA. De alguma forma poderiam encontrar e se aproximar dos afetos em relação às comidas partilhadas em suas origens - pensar a comensalidade. Essa maior exposição de comidas típicas, ampliou a diversidade e a atratividade da Feirinha.

Desvelando nessa variedade gastronômica um movimento, onde comer juntos nesse contexto, é abrir espaço para o reconhecimento do outro, para a escuta de

⁴ O programa Cultura Viva, criado no Brasil em 2004, propõe reconhecer e fortalecer iniciativas culturais de base comunitária, conhecidas como Pontos de Cultura, com ênfase na diversidade, participação social e gestão compartilhada. Já a noção de Cultura de Redes amplia essa perspectiva, destacando a circulação de saberes, afetos e práticas culturais por meio de conexões horizontais, digitais ou presenciais, que potencializam a colaboração entre indivíduos e coletivos.

histórias, para o cultivo e pela partilha, a comensalidade se torna elo de acolhida.

Como afirmam Contreras e Gracia (2011), os comportamento alimentares são marcadores profundos de identidades sociais e culturais, instrumentos de mediação entre o coletivo e o individual:

Objeto de pactos e conflitos, os comportamentos alimentares marcam tanto as semelhanças como as diferenças étnicas e sociais, classificam e hierarquizam as pessoas e os grupos, expressam formas de conceber o mundo e incorporam um grande poder de evocação simbólica até evidenciar que, de fato, somos o que comemos” (CONTRERAS; GARCIA. 2011.p.127)

Para Boof (2006), comer juntos é um dos atos mais antigos e sagrados da humanidade, pois implica repartir o pão, estabelecer comunhão, criar redes de solidariedade. É nesse gesto simples e profundo que se inaugura uma ética do cuidado e da paz. Já Boutaud (2011) nos recorda que compartilhar a mesa incorpora mais que um hábito se demonstra como um rito de hospitalidade, uma abertura ao outro, ao estrangeiro, ao diferente - onde essa comida serve de ponte entre mundos.

Esse laço co-criado em volta da comensalidade que é proporcionado na Feirinha, que transborda de panela em panela, em mãos que preparam entre o aqui e o lá de onde se veio. São pequenas cerimônias, ritos de pertença em que o alimento e seu preparado alimentam, nutrem, mas também libera memórias - cheiro de infância, vozes de avós, festas de bairros, feiras do interior - cada prato um pedaço de mundo posto à mesa.

A memória da Feirinha, nesse contexto, não é depósito fixo de lembranças, mas processo vivo e fluido, tecido na convivência e nas práticas compartilhadas. Como destaca Pierre Nora, a memória coletiva não se cristaliza apenas em marcos físicos, mas se movimenta nos gestos, rituais e experiências cotidianas que unem os grupos sociais (NORA, 1993). A cada edição, a Feirinha atualiza seus significados, recuperando fragmentos do passado ao mesmo tempo em que cria novas narrativas de pertencimento e solidariedade.

Portanto, desde sua criação, a Feirinha tem sido espaço de encontro entre campo e cidade, unindo pequenos agricultores familiares da região de Foz do Iguaçu, feirantes locais e consumidores, em sua maioria da comunidade acadêmica da UNILA. O que começou como tentativa de aproximação com os povos da terra, depois de encurtar cadeias de comercialização rapidamente se transformou em projeto maior. Onde práticas sustentáveis, econômicas e culturais, passam a refletir a pluralidade de histórias,

vivências e lutas sociais que compõem a vida em torno dela.

Ela se tornou, ao mesmo tempo, polo de atividades culturais da grande maioria de seus estudantes, em alternância com esses mesmos estudantes também se reafirmou como espaço para venderem seus quitutes, artesanatos e produtos artísticos como alternativa de renda, auxiliando sua permanência na universidade. Esse ambiente multicultural e interdisciplinar valoriza a diversidade cultural e gastronômica, refletindo a riqueza da comunidade unileira e promovendo trocas culturais e de saberes entre os participantes.

Como relatado em conversa com um agricultor, registrada em minhas anotações de campo: “Aqui, a gente não só vende, a gente também aprende. Os estudantes trazem novas ideias, nos contam o que está acontecendo em outras partes da América Latina, e isso nos faz sentir parte de algo maior.” (anotação própria, setembro de 2024). Nos capítulos seguintes poderemos ter uma visão mais clara dos aspectos e das relações nas suas dimensões sociais e culturais.

2.4 QUEM FAZ A FEIRINHA: OS SUJEITOS E O CONTEXTO LOCAL

Para compreender a singularidade da Feirinha Agroecológica da UNILA, é preciso primeiro situá-la. Ela não opera no vácuo; se insere e, ao mesmo tempo, se distingue do ecossistema de feiras existentes na cidade de Foz do Iguaçu. A cidade possui um circuito municipal consolidado que cumpre um papel em parte no abastecimento e mais fortemente na sociabilidade local. A pesquisa acadêmica sobre o tema, também realizada no âmbito do curso de Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar da UNILA, nos ajuda a traçar este panorama.

A genealogia das feiras na cidade, como aponta Raggi (2017), é um fenômeno relativamente recente, intrinsecamente ligado ao crescimento populacional pós-construção de Itaipu. A primeira feira livre de que se tem registro no município surgiu em 1986, na Avenida Juscelino Kubitschek, a partir da iniciativa de agricultores locais. Este marco deu origem a um circuito que, ao longo dos anos, se expandiu e foi formalizado pela Lei nº 3427/2008, com a gestão a cargo da Fundação Cultural e a fiscalização pela Secretaria da Fazenda (RAGGI, 2017, p. 32).

Um estudo de caso aprofundado sobre a Feira Popular da Produção Familiar da Vila C, realizado por Wicinovski (2015), já revelava a configuração deste circuito, destacando a Feira da JK como um grande ponto de encontro social e comercial, com

dezenas de pontos de venda com uma vasta oferta de quitutes, produtos coloniais e artesanatos, com uma configuração mais voltada ao turismo e ao grande público (WICINOVSKI, 2015, p. 26). Ele observa que muitas dessas feiras operam de forma itinerante, com os mesmos expositores circulando por diferentes bairros ao longo da semana.

Neste cenário, a Feira Agroecológica da Vila A representa um contraponto interessante. Embora listada em registros oficiais, a partir da minha vivência em campo, pude observar que ela se mantém a partir da resistência dos mesmos produtores que atuam na UNILA, com uma diversidade menor de feirantes, enfrentando seus próprios desafios de continuidade.

Sendo assim, vemos que o circuito municipal mais tradicional, focado no comércio, e a experiência pontual da Vila A — que a identidade da Feirinha da UNILA se destaca. Ela se diferencia por ser a única que, de forma explícita e contínua, se constitui a partir de um tripé indissociável: a base agroecológica como princípio ético, a articulação cultural e artística como motor de encontros, e a autogestão como prática política.

A trajetória de consolidação da feira após sua retomada pós-pandemia em 2022 revela seu crescimento e resiliência. O processo, iniciado com um núcleo de 8 a 10 feirantes, estabilizou-se em 2023, a participação de feirantes tem se mantido estável, com uma média de 13 feirantes ativos que participam regularmente no tempo de ocorrência dessa pesquisa, como aponta o cadastro de feirantes que manteve durante a mediação do espaço. Que garantem a diversidade de produtos e a vitalidade do espaço.

Vale sublinhar, a partir da minha própria vivência, que esses números representam um recorte, um instantâneo de um fluxo contínuo. A participação na Feirinha sempre teve uma dinâmica fluída e isso continuou; feirantes chegam, outros se afastam por um tempo, alguns voltam para seus países de origem e a cada semana a configuração pode mudar sutilmente. Essa média não significa uma rigidez, antes demonstra a consolidação de um núcleo resiliente, que garante a continuidade da Feirinha, ao mesmo tempo que se mantém aberta ao novo.

Essa estabilidade se reflete não apenas no número de expositores, mas na vitalidade do espaço. A cada semana, a feira atrai um fluxo contínuo de 200 a 300 pessoas, incluindo estudantes, professores e moradores da comunidade externa, um número que pode ultrapassar os 300 participantes durante os eventos culturais. Esses dados quantitativos revelam a resiliência de uma iniciativa que se sustenta não apenas como ponto de comercialização, mas como território de trocas culturais e fortalecimento

de laços.

A riqueza que atrai esse público se manifesta nas bancas, que reforçam o compromisso da feira com a diversidade e a agroecologia. A oferta inclui desde hortaliças e vegetais frescos e frutas da estação até uma vasta gama de produtos processados, como pães, queijos, conservas e geleias. Destaca-se também a presença de Plantas Medicinais e PANCs e do artesanato em suas mais altas variações, que agrega um valor cultural fundamental ao espaço.

A tabela a seguir, oferece uma lente, apresentando o perfil sociodemográfico de 11 feirantes e produtores que colaboraram com a primeira fase da pesquisa, ela ilustra a suas origens e trajetórias temporais:

Tabela 1: Perfil Sociodemográfico de Produtores e Feirantes. Fonte: Elaborado pela autora (2025), com base em dados do questionário da pesquisa.

Codinome	Idade	Gênero	Origem	Tempo na Feira
Rosa	49	Feminino	Foz do Iguaçu-PR	Menos de 1 ano
Clara	29	Feminino	São Paulo	1-2 anos
Elena	34	Feminino	Colômbia	Menos de 1 ano
Hugo	62	Masculino	Argentina	1-2 anos
Lúcia	40	Feminino	Foz Iguaçu	Menos de 1 ano
Dário	70	Masculino	Argentina	1-2 anos
Mateo	52	Masculino	Argentina	1-2 anos
Pedro	23	Masculino	Ibotirama-BA	Mais de 4 anos
José	70	Masculino	São Miguel do Iguaçu	Mais de 4 anos
Joana	47	Feminino	Foz do Iguaçu	Mais de 4 anos
Ana	32	Feminino	FOZ DO IGUAÇU	1-2 anos

Segundo a tabela de respondentes, podemos vislumbrar os sujeitos e seus perfis sociodemográficos, nos permitindo ter uma visualização com algumas características. As diferentes origens é o primeiro ponto, já prenuncia seu caráter latino-americano: feirantes da Argentina e Colômbia dividem os espaços e suas mesas com diferentes rotas, como São Paulo, Bahia e o próprio interior do Paraná. Um dado interessante é a marcação intergeracional, com idades que variam de 23 a 70 anos, que por si só já promove uma rica troca entre as diferentes gerações isso é corroborado pela observação participante. Cenário: Hugo 62 anos, o feirante comenta com Clara (29) a artesã de São Paulo, que gostaria de publicar “storys e reels” para divulgar seus doces e

também mostrar que a Feirinha está acontecendo naquele momento para seus seguidores, mas “não sabe nem por onde começar”. Clara, se dispõe entre uma venda e outra, pega seu celular, e em 15 minutos o ensina algumas noções básicas para que ele mesmo possa fazer, uma dica de como tirar a foto que valorize as delícias de seus produtos, mostra como usar “hashtags”, assim se dão muitas dessas trocas, com atenção e cuidado entre seus pares.

Há também a percepção de uma presença maior de mulheres, ainda que sutilmente, aponta para o protagonismo feminino na composição desse coletivo. Por último, a variedade no tempo de participação, com um núcleo de mais de quatro anos (considerando o período de antes da pandemia) e um grupo expressivo de recém-chegados - o que sugere uma dinâmica saudável de continuidade e renovação, essencial para a resiliência e a constante reinvenção da Feirinha.

As múltiplas origens, somados com o tempo de experiência e identidade dão a condição para a próxima etapa. Ter nomeado “quem faz” a feira abre caminho para o “como se faz”. Se deixa de lado a perspectiva histórica para adentrar na análise etnográfica das práticas, como se dá essa coreografia num meio tão plural.

3. DIVERSIDADE CULTURAL E PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA

Neste capítulo, percorro a dimensão cultural em suas múltiplas expressões, tecendo encontros com os ideais agroecológicos — quase como num enlace sensível entre modos de vida e modos de fazer. Aqui, cultura e agroecologia não se justapõem: elas se entrelaçam, nutrem-se mutuamente e se afirmam como pilares para uma convivência plural, enraizada no respeito às diferenças e na construção coletiva de futuros possíveis. Para guiar esse caminho, abordo três dimensões principais: (i) a diversidade alimentar e culinária como expressão cultural; (ii) as práticas artísticas e performáticas presentes na Feirinha; (iii) os modos de organização produtiva que articulam agroecologia e resistência cultural.

Para compreender os processos que se desenrolam na Feirinha Agroecológica da UNILA, foi preciso partir de uma base teórica que entendesse a agroecologia como algo muito além de técnicas agrícolas. Na América Latina, ela se apresenta como uma ciência, prática e movimento social profundamente enraizado nas lutas históricas dos povos camponeses, indígenas e tradicionais pela soberania alimentar, justiça social e

preservação cultural. Como aponta a Fundação Heinrich Böll, “poucos fenômenos são tão fundamentalmente latino-americanos quanto a agroecologia”, pois ela fortalece processos territoriais de base camponesa e a organização comunitária, expressando a diversidade ecossistêmica e sociocultural da agricultura na região (Heinrich Böll Stiftung, 2023).

Essa agroecologia latino-americana emerge como uma epistemologia crítica, anticolonial e descolonizadora, fruto da resistência histórica ao paradigma capitalista e colonial, incorporando cosmovisões indígenas e a luta por justiça ambiental e alimentar (Rosset et al., 2020; Brito & Esquerdo, 2022). Miguel Altieri, sintetiza essa visão ao afirmar:

Sin embargo, la salud ecológica no es la única meta de la agroecología. En realidad, la sustentabilidad no es posible sin preservar la diversidad cultural que nutre a las agriculturas locales. Una producción estable solo se puede llevar a cabo dentro del contexto de una organización social que proteja la integridad de los recursos naturales y que asegure la interacción armónica de los seres humanos, el agroecosistema y el medio ambiente. (ALTIERI, 1999, p. 10).

No caso brasileiro, a trajetória da agroecologia está marcada por um processo de institucionalização que se consolidou nas últimas décadas, especialmente pela articulação entre movimentos sociais, universidades e políticas públicas. Como destacam Paulino e Gomes (2020), a institucionalização da agroecologia no Brasil se deu em meio a disputas de sentido, mas também como fruto da capacidade de articulação política e social que lhe conferiu legitimidade acadêmica e governamental. Esse percurso foi fortemente influenciado por pensadores como Miguel Altieri, Stephen Gliessman e Eduardo Sevilla Guzmán, dentre outros que, junto a experiências camponesas latino-americanas, consolidaram a agroecologia como ciência, prática e movimento. Ao mesmo tempo, autores como Victor Toledo e Peter Rosset contribuíram para o entendimento da agroecologia como campo de resistência anticolonial e de defesa da soberania alimentar, aspectos que atravessam o cotidiano da Feirinha e reforçam sua centralidade como espaço político-cultural (PAULINO; GOMES, 2020).

Assim, a agroecologia se configura como um projeto político-cultural que valoriza a diversidade de formas de vida, conhecimentos ancestrais e modos de organização comunitária, resistindo à homogeneização cultural imposta pelo agronegócio e ao colonialismo. Essa perspectiva proporciona uma compreensão da Feirinha, que se apresenta como um espaço vivo onde práticas agroecológicas, expressões culturais e

organização coletiva se confluem, configurando um ato político-ideológico que desafia modelos dotados pela agricultura convencional e hegemônicos de produção e consumo.

Além das contribuições mencionadas, é imprescindível reconhecer a importância de Ana Maria Primavesi na consolidação da agroecologia no Brasil. Considerada uma das pioneiras da agroecologia no país, Primavesi foi responsável por introduzir conceitos fundamentais sobre o manejo ecológico do solo, enfatizando a importância da matéria orgânica e da biodiversidade para a saúde do solo e das plantas. Sua obra *Manejo Ecológico do Solo: a Agricultura em Regiões Tropicais* é uma referência essencial para compreender as práticas agroecológicas adaptadas às condições brasileiras. Além disso, sua atuação como professora, pesquisadora e fundadora da Associação da Agricultura Orgânica contribuiu significativamente para a formação e organização do movimento agroecológico no Brasil, sendo reconhecida internacionalmente pelo One World Award da IFOAM e com o Dia Nacional da Agroecologia em sua homenagem (PRIMAVESI, 2002).

Nesse sentido, após compreender o contexto da agroecologia no Brasil brevemente, também se faz necessário dialogar com os aportes da economia solidária, uma vez que as feiras e experiências coletivas não se restringem à produção de alimentos, mas carregam dimensões de autogestão, cooperação e geração de renda como no caso da Feirinha. Paul Singer (2002) destaca que a economia solidária constitui uma alternativa concreta à lógica de mercado, baseada na associação livre de produtores e consumidores e na repartição justa dos frutos do trabalho coletivo. Essa aproximação entre agroecologia e economia solidária oferece ferramentas conceituais para compreender a Feirinha não apenas como espaço de consumo, mas como território de resistência, integração cultural e experimentação de outros modelos econômicos possíveis.

Esse entrelaçamento entre cultura e agroecologia não passa despercebido e muito menos é abstrato: ele se dispõe nos corpos, nas práticas produtivas. Ele se deixa ver em muitos momentos a exemplo de uma receita que passa as fronteiras, na escolha pelo alimento orgânico que por lá tem cara e se sabe a procedência numa roda de música que mescla os idiomas, num cartaz feito à mão por um dos muitos coletivos, com dizeres que reivindicam suas lutas.

Assim sendo, aprofundar essas relações e práticas sociais contribuem para a consolidação da Feirinha enquanto esse microcosmo latino-americano. Pode-se dizer que a Feirinha não se rege por definições rígidas, mas por fluxos, deslocamentos e encontros que provocam aproximações, que podem ser de - gosto, de valor, de presença. É neste

ponto que o trabalho se volta especialmente ao segundo objetivo proposto, explorar as dinâmicas de encontros e hibridização cultural que passam o cotidiano revelando seus efeitos nessas muitas camadas dos seus muitos vínculos, em resistências micro políticas e em se fortalecer comunitariamente.

Por fim, dizer que as tensões que emergem no cotidiano também são pontos que devemos ter em conta, e trazê-los sobre a perspectivas que estão presentes dentro dos pontos abordados acima como a agroecologia e a economia solidária, são fatores que que contribuem para um melhor entendimento das muitas camadas que vão sendo descobertas.

Dizer que nem sempre é harmônico essa trama, que muitas vezes ela vem carregada de tensões. A pluralidade que habita também se traduz em conflitos - sejam eles de valores, de visões, de formas de fazer, de temáticas geracionais. Portanto, essas diferenças muitas vezes gritam. Há choques, incompreensões, silêncios duros que iremos discorrer ao longo do capítulo. É justamente nesses embates que o projeto da Feirinha tensiona, mas nos afere a possibilidade de reinvenção: como campo onde se experimenta a convivência e se aprende a construir em comum.

Porém, nem todas as fricções nascem das relações entre os sujeitos. Muitas vezes, elas emergem da própria relação com as estruturas institucionais. Desafios logísticos recorrentes que por tempos foram entraves para uma boa fluência, ajustes estruturais mínimos que por vezes foram negligenciados como os pontos de energia necessários, a persistência no atendimento a equipamentos mínimos de som e microfone. Neste ponto, entender as necessidades, as urgências e reivindicá-las passa a ser a questão, ela vem com a carga de mediar com os membros da Feirinha e da Instituição. Na seguinte seção vamos encher o prato, passear e explorar a riqueza da diversidade alimentar e culinária como expressão cultural, permitindo iluminar a importância desse ato em seus vários sentires.

3.1 DIVERSIDADE ALIMENTAR E CULINÁRIA COMO EXPRESSÃO CULTURAL

Na Feirinha Agroecológica da UNILA, a diversidade alimentar se apresenta numa variedade de produtos, culminando numa verdadeira expressão cultural que traduz histórias, trajetórias e identidades dos povos que ali se encontram. O espaço é diverso, podemos tomar uma “aguapanela” - uma bebida colombiana feita de rapadura (panela) dissolvida em água, pode ser um caldo de cana e claro, um cafezinho não pode

faltar entre uma conversa e outra - tudo circula lado a lado, a riqueza que encontramos pode vir agarrada vez ou outra de uma frase atravessada como: “no meu país é diferente” - ou “por lá é mais rico” - “le falta chile” (falta pimenta)” - mas essa pequena singularidade nos demonstra que mesmo destoando na falta ou não sendo literalmente como em seus países de origem, essa cultura alimentar está ali presente, carregando consigo saberes ancestrais e afetos que resistem à padronização dos alimentos, como na cultura alimentar dos ultraprocessados que muitas vezes são as únicas opções que encontramos com mais facilidade.

Se evidencia que a diversidade alimentar na Feirinha abrange uma ampla gama de produtos, sendo um espaço onde a cultura se manifesta em sabores, aromas e modos de preparo que carregam suas próprias versões das histórias e onde são manifestas suas identidades. Como aponta Montanari (2010), a comida é uma expressão cultural que resiste e se reinventa mesmo diante da globalização, reafirmando as particularidades locais. Lazaretti et al. (2023) ressaltam que a gastronomia brasileira é um campo dinâmico, resultado da confluência de biomas, povos e tradições, traduzida na pluralidade de pratos e ingredientes que circulam na Feirinha, reafirmando a riqueza cultural e a sua sobrevivência por meio da alimentação.

Essa diversidade também constitui um espaço de sociabilidade e pertencimento, onde a comida funciona como elo entre diferentes comunidades e até entre gerações. A comida afetiva, que remete a memórias e vínculos, é celebrada e compartilhada, reafirmando a importância da alimentação como prática cultural e política.

Como observa Fábio Molinari Bitelli (2022):

A cultura alimentar híbrida que se manifesta nos mercados urbanos latino-americanos representa tanto a identidade, a manutenção ou surgimento de tradições quanto a resistência dos grupos suportada por suas culturas específicas. [...] A hibridação, nesse contexto, não é apenas mistura, mas processo ativo de ressignificação e atualização de práticas e sentidos. (BITELLI, 2022, p. 176).

Na sequência, para clareza de como isso funciona, apresenta-se os dados de coleta do questionário da segunda fase, intitulado como “Multiculturalismo e Comida Afetiva na Feirinha Agroecológica da Unila” aplicado a 62 participantes, feirantes e frequentadores entre agosto e setembro de 2024. Foi possível adentrar as camadas mais profundas desses processos explorar como a Feirinha reflete a diversidade cultural e

promove o hibridismo cultural através das práticas alimentares e sociais”. As narrativas aqui coletadas, ricas em detalhes e nuances, não apenas fundamentam a análise desta seção, mas também trarão luz a outras discussões ao longo dos próximos capítulos.

Apresentamos agora a pluralidade de origens dos respondentes dessa nova etapa da investigação, de maneira ampliada onde a própria matéria-prima do que ousamos chamar de um pequeno microcosmo latino-americanos, pode ser visualizado no gráfico a seguir.

Figura 2: Mapa de Origem Participantes, Feirantes e Frequentadores (ampliada) pelo questionário de 62 respondentes⁵.



⁵ Destaca-se a presença de um respondente que declara sua origem como "Sbórnia". Longe de ser um dado inválido, esta resposta é uma rica expressão cultural. Sbórnia é um país fictício do universo artístico da dupla gaúcha "Tangos & Tragédias". A escolha do participante, um professor de música, em se identificar com essa nacionalidade poética revela a Feirinha como um espaço de segurança e liberdade, onde a identidade pode ser expressa de forma lúdica e performática. Em conversa posterior, o respondente confirmou com entusiasmo a intencionalidade de sua resposta, reforçando a feira como um lugar que acolhe a criatividade e a licença poética.

O mapa exposto, nos dá uma oportunidade de posicionar muitos dos participantes e frequentadores da Feirinha até seu país de origem, é um momento importante de visualizar nosso microcosmo.

Dando continuidade ao processo de entendimento, seguimos com a análise do conteúdo que o questionário nos proporcionou. A partir das narrativas apresentadas é possível vislumbrar o que Clifford Geertz chamaria de “teias de significado”, os sentidos em torno do ato de alimentar-se, que transformam a comida em embaixadora de memórias, territórios e afetos.

O homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu. Assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 2008, p. 4).

Com esta lente interpretativa, a tabela a seguir sistematiza as categorias temáticas que emergiram das falas dos participantes, servindo de bases para o que segue. A tarefa, portanto, é a de uma ciência interpretativa, que busca não apenas descrever os atos, mas compreendê-los em seu próprio contexto. Cada categoria temática responde, a seu modo, aos objetivos centrais desta pesquisa, revelando as camadas enquanto se constitui como a Feirinha Agroecológica da UNILA.

Tabela 2: Categorias Temáticas do Significado Afetivo dos Alimentos

Categoria Temática	Descrição da Categoria	Exemplos de Citações dos Participantes (Com ID para Verificação)
Memória Familiar e Ancestralidade	Os alimentos são veículos que carregam receitas, histórias e o afeto de mães, avós e da infância.	R29: “Sim, as broas de milho e canjica [...] é apresentar a culinária baiana na unila.” R32: “Sim, totalmente. Tudo que consumo e já consumi tem muito a ver com a minha ancestralidade”
Conexão Cultural	A comida funciona como uma	R24: “...a feirinha me permite

e Territorial	"ponte" para outras culturas. É uma forma de "viajar" e de representar um local de origem.	conhecer a cultura culinária de outro países de onde vieram alguns amigos..." R31: "...o contato com os vendedores tem o poder de apresentar significados do que representa tal alimento..."
Ato Político e Expressão de Valores	O ato de consumir na feira é entendido como uma declaração de valores (apoio, sustentabilidade, etc.).	R05: "...Ter acesso aos produtores e criar relações na produção/consumo de produtos orgânicos..." R16: "Sim, acredito que tenha um significado de tudo aquilo que aprendemos na UNILA..."
Elo Social e Experiência Compartilhada	O significado da comida transborda do prato para a experiência do encontro, da troca e d criação de laços	R22: "Sim, é um momento de troca de experiências com os colegas e expositores/consumidores..." R09: "Sim, os alfajores argentinos e arepas colombianas [...] traz a integração de forma afetiva..." R42: "...conformar comunidade afetiva a partir da saudade que traz o alimento nato"
Tensão entre Hibridação e Tradição	A Hibridação, ao mesmo tempo que gera conexão, pode criar desafios e a necessidade de negociar a manutenção das tradições	R24: "[Sim, as adaptações], mas às vezes criam desafios para manter tradições" R39 "...mas adaptada às condições e ingredientes que encontrei em Foz...tinham sim um significado cultural..."

A tarefa, portanto, é a de uma ciência interpretativa, que busca não apenas descrever os atos, mas compreendê-los em seu próprio contexto. Cada categoria

temática da Tabela (inserir número de acordo) responde, a seu modo, aos objetivos centrais desta pesquisa, revelando as camadas enquanto se constitui como Feirinha Agroecológica da UNILA.

As narrativas agrupadas na categoria de Memória Familiar e Ancestralidade mostra a Feirinha como um palco para a performance da memória. O ato de “apresentar a culinária baiana” (R29) é o que Pierre Nora (1993), chamaria de uma transição de memória espontânea, abrigada no hábito, para uma “memória arquivística”. A receita da avó, antes um saber privado, torna-se um “vestígio deliberado”, um ato consciente de afirmação identitária em um novo contexto, uma memória que se come, se serve, se oferece ao outro.

Mas, afinal, o que atravessa essas pessoas? O que elas buscam ao tecer essas redes de significados em torno da comida? A Feirinha é o espaço onde essa transformação da memória em história viva acontece. A resposta a essa questão, é oferecida pela própria voz de uma das respondentes R(42), que sintetiza o ciclo completo da Feirinha como uma tecnologia de pertencimento:

“A feirinha tem ajudado na conformação e fortalecimento da comunidade a partir da saudade do alimento nato trazendo consigo a oportunidade de expor pras pessoas con vínculo afetivo as raízes, os conhecimentos e significados que um alimento pode ter” (R41, dados do questionário da pesquisa, 2024).

A fala ilumina para a busca dupla existencial que está em jogo, especialmente para os sujeitos em trânsito. Vejamos, o ponto de partida é a “saudade do alimento nato”, o conforto familiar, o sabor que ancora a identidade. A Feirinha, então, oferece a cura para essa saudade: “A oportunidade de expor” as “raízes”, ressignificando esse alimento da forma como o retorna ou como o recebe. Adicionalmente, ao conectar o consumo à sua “ancestralidade” (R32), o participante eleva o alimento a um portal, um veículo que transporta uma linhagem de saberes e afetos, resistindo ao esquecimento imposto pela diáspora, é dizer que é capaz de evocar uma linhagem e materializar a presença de quem veio antes. Uma espécie de território contra o apagamento, especialmente para os sujeitos migrantes, deslocados, ou cujas tradições foram historicamente silenciadas.

As categorias Conexão Cultural e Territorial de Tensão entre Híbridaçã o e Tradição, devem ser lidas em conjunto para compreendermos a complexidade do encontro cultural. É nesse entre lugar — onde os alimentos ganham novos nomes, sabores e sentidos — que emergem negociações simbólicas entre sujeitos. Essa leitura se alinha ao segundo

objetivo específico desta pesquisa, ao explorar como a feira funciona como um campo de hibridação cultural, onde se criam vínculos, mas também se enfrentam dilemas.

A Feirinha se demonstra como um “campo de contatos” para usar a noção de James Clifford (1998). É nesse encontro que o consumidor “conhece a cultura culinária de outro país” R(24) e o feirante “apresenta significados” R(31). Este diálogo é o motor da hibridação. No entanto, uma análise mais profunda, atenta às “incoerências e instabilidades” que Fonseca (2023) aponta como centrais na abordagem de Geertz, revela que este não é um processo sem atritos. A hibridação é, muitas vezes, uma barganha, com a própria realidade material, como trazido pelo respondente de nacionalidade colombiana R (39), que precisou criar suas receitas “mas adaptada às condições e ingredientes que encontrei em Foz”, revela a dimensão prática e inventiva desse processo, a troca por outro ingrediente que mais se aproxima da receita original, ou ainda uma reinvenção com um ingrediente novo denota a dificuldade de trazer uma leitura literal desse “prato”, mas a resiliência desse processo. A fala da participante R(24), complementa essa visão, ao apontar que a mistura ao mesmo tempo que gera vínculos, cria “desafios para manter tradições”. A hibridação, portanto, não é fusão sem fricção, mas um trabalho contínuo de tradução cultural, um processo que acontece sob a dupla pressão da realidade material (a disponibilidade de ingredientes) e do desejo simbólico (a necessidade de manter a tradição

As categorias Ato Político e Elo Social revelam os múltiplos sentidos atribuídos à Feirinha pelos sujeitos que a vivem e a atravessam. Esses dados dialogam com o terceiro objetivo específico da pesquisa, voltado à escuta e sistematização das narrativas, afetos e redes de reciprocidade que emergem do campo.

O consumo, nesses relatos, deixa de ser apenas uma escolha econômica: é um manifesto ético, uma extensão prática dos aprendizados cultivados, uma aplicação prática do que se “aprende na UNILA” segundo R(16). Já o afeto aparece como linguagem principal da sociabilidade: a “integração de forma afetiva” R(08) é o que tece a rede de reciprocidade. É a “saudade” como expressa a respondente R(41) que se torna o motor para “conformar comunidade afetiva”, e o gesto de presentear-se com sabores de outro território revelam que ali se tecem vínculos para além da troca comercial R(08)

Complementarmente a fala extraída do feirante R(31)Roberto, na coluna referente à pergunta: “Deseja compartilhar, mais alguma experiência...?”) ilustra perfeitamente o problema para qual a Feirinha é a solução. Ele descreve “a tendência do imigrante, muitas vezes, é de se fechar para as relações sociais [...] resultado de medos, saudades,

ansiedades e solidão”, posicionando a UNILA e sua feira como espaço de exceção que permite superar essa barreira. A comensalidade, portanto, emerge como uma tecnologia social para combater a solidão do migrante e construir pertencimento. É nesse ato de partilhar a mesa simbólica da feira que se estabelece comunhão e se cria redes de solidariedade. Transformando o local da Feirinha em um território de acolhida e cuidado mútuo. Como afirma Leonardo Boff, o cuidado é a base dessa relação: “o cuidado é mais que um ato; é uma atitude. [...] abrange mais que um momento de atenção. Representa uma atitude de ocupação, preocupação e responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro” (BOFF, 1999, p.33).”

Contudo, não podemos ignorar as fissuras e os pontos de conflito que coexistem com a celebração da diversidade. As narrativas dos participantes também revelam tensões e críticas que apontam para as fragilidades e os desafios do espaço. A exemplo da fala da respondente R(47), uma participante de longa data, aponta para uma mudança no “espírito” da feira ao longo do tempo: “...atualmente, percebo que a feira mesmo que resista, não é a mesma daqueles tempos onde os estudantes se sentiam livres e confortáveis para ali estarem presentes e desfrutarem de uma boemia.”(R47, dados do questionário da pesquisa, 2024).

Esta percepção nostálgica de um tempo de maior “liberdade” e “boemia” sugere um conflito latente entre a memória de um passado mais orgânico e espontâneo e um presente talvez mais estruturado minimamente, no sentido de coletivizar e ter algumas conversas para ser partícipe semanalmente, destacando alguns princípios como agroecologia, economia solidária e autogestão. Essa crítica não é isolada. Outras falas sinalizam para desafios mais práticos, como necessidade de “estratégias de divulgação” para além da comunidade acadêmica R(49) e de uma estrutura mais adequada como “equipo de sonido permanente” (equipamento de som) R(62) Mireliz. Essas críticas e sugestões não diminuem a importância da Feirinha; ao contrário, elas a mostram como um organismo vivo, com problemas reais e em constante processo de conversação. Reconhecer essas tensões é fundamental para compreender a complexidade que ali transita e a urgência de se pensar em seu fortalecimento e sustentabilidade.

Em suma, a análise da diversidade alimentar e culinária nos dá uma perspectiva que a Feirinha da UNILA antes de ser um ponto de comercialização. É um território onde a comida funciona como uma densa linguagem cultural, através da qual memórias são performadas, as identidades são postas, diluídas pela densidade encontrada e instruídas a um novo senso de pertencimento que segue em construção, ou seja, comunidades são

tecidas por meio do afeto e da comensalidade. Os pratos e sabores são os textos mais evidentes e cotidianos que narram a história deste microcosmo latino-americano. No entanto, se a cultura se manifesta de forma tão potente na cozinha, ela transborda para outras arenas. A seguir exploraremos como a Feirinha também se constitui como um palco para práticas artísticas e performáticas, outra dimensão fundamental de sua identidade que se aproxima como Ponto de Cultura vivo.

3.2 O PALCO VIVO: PRÁTICAS ARTÍSTICAS E VOZES COLETIVAS

A Feirinha é também palco para manifestações artísticas que vão além do entretenimento, funcionando como ramificações que adentram na educação, na interculturalidade e mais uma vez reforça o fortalecimento comunitário. Música, dança, teatro e poesia são parte integrante do cotidiano da Feirinha, criando um ambiente vibrante e plural onde cultura e agroecologia caminham juntas.

Essas expressões artísticas que são geradas e paridas nesse contexto rico, são fundamentais para a construção de um espaço de pertencimento e diálogo intercultural, onde vozes coletivas reverberam e se fortalecem. A parceria com grupos como (Inserir uma experiência)" exemplifica essa conexão entre arte e agroecologia, mostrando que a Feirinha é um laboratório vivo de criação e ressignificação cultural.

Néstor García Canclini propõe a hibridação como um procedimento metodológico para pensar a convivência em meio às diferenças culturais e aos processos contínuos de transformação (GARCÍA CANCLINI, 2013). Para ele, a hibridação vai além de conceitos tradicionais como sincretismo, fusão, mestiçagem e miscigenação, ao enfatizar o trânsito e a porosidade entre grupos humanos, ideias, valores, gostos e sentidos. Essa permeabilidade cultural é fundamental para compreender manifestações culturais que não se restringem a origens únicas, mas que se reinventam a partir do encontro e da negociação entre diferentes referências (GRANDIS, 1995).

Os estudos sobre hibridação, segundo Canclini, transformaram a forma de pensar identidade, cultura, diferença, desigualdade e multiculturalidade, problematizando dicotomias clássicas como tradição-modernidade e local-global. A hibridação, portanto, oferece uma lente para analisar espaços culturais como a Feirinha Agroecológica da UNILA, onde práticas artísticas e agroecológicas se somam, criando um ambiente de diálogo intercultural que permanece.

Nesse contexto, a Feirinha funciona como um campo que se deparam, que se fundem ou até mesmo se repelem, o contato de múltiplas expressões artísticas — música, dança, teatro, poesia — são veículos de circulação, ressignificação e criação cultural híbrida. Essas práticas não são meros modos que entretém, mas também educam, mobilizam e fortalecem vínculos comunitários, reafirmando a cultura como elemento central na construção de pertencimentos plurais.

Antes de mergulhar nas qualidades das expressões artísticas é parte importante dimensionar a escala e a constância desse movimento. A análise da planilha de Eventos Culturais, que documenta a programação de junho de 2022 a novembro de 2024, mostra uma presença contínua e estratégica no cotidiano universitário. No período documentado, a Feirinha Agroecológica esteve presente em 89 dias de atividades. Desses, 60 ocorreram em seu território principal, o Campus Jardim Universitário (JU), consolidando-o como seu espaço de referência. A expansão do projeto se materializa nos 29 dias no Campus Integração (CI), um movimento que se tornou fixo à partir de 2024, e na sua capacidade de articulação nos 8 dias de atividades itinerantes em eventos especiais da UNILA. Essa presença serviu de plataforma para o ecossistema cultural que se detalha a seguir.

Os números a seguir, resultado de uma análise detalhada da planilha de eventos, deve ser observada não como um senso exato, do que foi possível registrar e vivenciar. A própria natureza da Feirinha, como espaço orgânico e espontâneo, faz com que qualquer registro seja, por definição, uma aproximação. Era comum que, no dia no evento, mais artistas chegassem para somar, que uma apresentação fosse substituída por outra ou que participantes da comunidade pedissem um espaço no microfone aberto, em um movimento que transbordava o movimento inicial.

Grande parte dessa programação, como indica a coluna “Mediadora/Organizadora” da planilha, foi articulada como parte dessa pesquisa-ação, propiciando uma riqueza única. Essa motivação, estimulada por um profundo apreço pela cultura como elo comunitário, me permitiu não apenas registrar, mas testemunhar a generosidade e fluidez que caracterizam o palco da Feirinha. Tendo isso em consideração, os dados a seguir captam a vasta diversidade e a ordem de grandeza desse vasto ecossistema cultural, ainda que sua vitalidade real seja maior que o registro.

Tabela 3: Perfil das Variações Artísticas e Culturais por Participante. Fonte: Elaborado pela autora (2025), com base na análise da planilha de eventos

Categoria da Expressão	Número de Artistas/Coletivos Únicos	Exemplos de Participantes
1. Música (Bandas, Músicos Solo, DJs)	53	DJ Mano Zeu, La Faiska, Rio Zur, Baque Mulher, Grupo Não Tô de Bobeira, Forró Fiado, Raíces Trío
2. Coletivos (Culturais, Políticos, Artísticos)	17	Slam de la Frontera, Arder en la Frontera, Milpa, Frente Trans Unileira, La Red Colectiva
3. Artes Cênicas (Performance, Teatro, Dança)	12	Diego Carvalho, Lea Pompeo, Fadel, Yembe (Dança Urbana), Rumbaterapia Afrocaribe
4. Literatura e Poesia	8	Helena Silvestre, Marco Miranda, Tabuh, Sueli Crespa, Rosa Jhey
5. Formação e Debate (Oficinas, Palestras)	7	Profª Senilde Guanaes, Profª Flávia Dorneles, Jandir (Associativismo), Sofia (Cerâmica), Nicole Machado
6. Práticas Corporais e de Bem-Estar	3	Maycon César (Yoga), Davi Pica Pau (Capoeira), Guilherme Chaer (Yoga)

A tarefa que se segue é dar alma a essa estatística, sensibilizar nas qualidades e nos significados dessa efervescência cultural produzida. Diante disso, esses números subdivididos em categorias passam a ser representados em eixos, que funcionam como estudos de casos emblemáticos que marcaram a trajetória.

Eixo 1: A Articulação Político-Cultural: O enlace entre a Fome e a Poesia

Um dos exemplos mais emblemáticos da vocação da feira para

articulação em rede aconteceu logo no início da sua rearticulação, no evento “Pão e Poesia: Irrupção Poético Política”, realizado em 06 de julho de 2022. Fruto de uma das primeiras parcerias da Feirinha, construída com o Comitê Unificado de Mobilização, o evento serve como um estudo de caso perfeito de como ela transcende a si mesma para ser tornar uma ágora pública, onde diferentes linguagens se unem para debater um tema social urgente: a fome.

Versando sobre a programação daquele dia, muitas camadas se iluminam numa complexa tecelagem de saberes. O evento uniu, em um mesmo espaço-tempo:

- A dimensão acadêmica e política, com a palestra virtual da professora e pesquisadora Sílvia Zimmerman, que apresentou os dados da “II Consulta Nacional de Insegurança Alimentar”;
- A dimensão etnográfica e do saber local na roda de conversatório com os produtores agroecológicos, que contou com minha mediação e exposição do trabalho da professora Senilde Guanaes;
- A voz da experiência literária da poeta e educadora popular Helena Silvestre, autora de: “Notas sobre a Fome”;
- A expressão artística crítica, com a performance de um fragmento do teatro de Plínio Marcos pelo multiartista Marco Miranda e a poesia marginal do Slam de la Frontera.

Olhar para esse dia, é poder demonstrar que a cultura ali pulsa e também é disruptiva, ou seja, a cultura não é um adereço, mas uma forma de intervenção no mundo, como propõe Paulo Freire (1997). A poesia não está ali para “embelezar” o debate sobre a fome, mas para dar a ela um sentido de acolhida, existencial e política. A Feirinha nesse dia deixou de trazer apenas o elemento de venda do pão, mas um lugar que se discutiu o direito ao pão. Isso amplia o seu sentido de aproximação de identidade como um “Ponto de Cultura vivo”, como já trazido anteriormente. Um local, que como define Turino (2010), trata a cultura como um processo e como um modo de vida, onde a comunidade se apropria do espaço para refletir sobre sua própria realidade.

Figura 3: 1º Parceria Sinditest, Sesunila + Feirinha - imagens na internet.



Eixo 2: Ocupação Criativa-Cultural como Resistência e Cuidado

Se o evento “Pão e Poesia” nos brindou com a capacidade da Feirinha ser uma ágora de debate, o “Viradão Cultural Unileiro: GRITO MUDA”, realizado no dia 12 de junho de 2024, reforçou sua potência como ferramenta de ocupação, luta e, fundamentalmente, de autogestão coletiva. Sua compreensão extrapola o de apenas uma programação e passa a ser entendido como a expressão da própria comunidade em seu ato mais radical de autoafirmação num momento de vácuo institucional.

O contexto é a chave para entendermos: em meio a greve de docentes e técnicos, com o calendário suspenso, a universidade estava em um estado de paralisia. O “GRITO MUDA” se manifesta como uma resposta direta a esse silêncio. O convite para que a comunidade trouxesse sua barraca e viesse “acampar” no Campus Integração foi um marco simbólico e político: a primeira ocupação dessa natureza, transformando um espaço de passagem num espaço de permanência, cuidado e luta. A organização de 24 horas ininterruptas, foi um movimento dantesco na perspectiva posta em um contexto de paralisação, convergindo para um grande exercício de pedagogia popular. A mobilização de estudantes voluntários que se dividiram em Grupos de Trabalho (GTs) responsáveis por organização, infraestrutura, segurança, cuidado/saúde e pela cobertura e registro, é a materialização de uma metodologia de base. Essa estrutura ecoa o que, a partir da minha

formação em movimentos sociais, aprendemos: a organização em Núcleos de Base (NBs). Os GTs, funcionaram precisamente como NBs, pequenas células autônomas que assumiram responsabilidades concretas para viabilizar a ação coletiva.

A programação cultural, neste quadro, foi a trama que deu sentido à ocupação. A diversidade de expressões que contaram com Cantos tradicionais, roda de samba com Grupo Não Tô de Bobeira à Roda de Coco com Pisêres de Embaúba. A presença de bandas como La Faiska, cujo ska se desdobra como meio de protesto social, agrandou esse momento, sendo uma das trilhas sonoras daquele levante, um ritmo que na tradição latino-americana, sempre esteve ligado à movimentos de contestação moldou a rede de significados e sustentou a resistência. A adesão massiva e voluntária de dezenas de artistas e coletivos revela a base ética e econômica que envolveu o evento: uma economia da solidariedade e do afeto, que se contrapõe mais uma vez à lógica mercantil.

O “GRITO MUDA” foi a Feirinha em puro desborde. A materialização de uma comunidade que em um momento de parada, usou a cultura e a autogestão não apenas para gritar, mas para construir, cuidar e se manter viva. A ocupação do campus foi um ato físico, mas foi também a construção de um território social, um momento, onde por 24 horas, a comunidade exerceu sua plena autonomia, criando suas próprias regras, sua própria temporalidade e sua própria agenda. A demonstração prática de que além da instituição formal, a universidade é, em sua essência, a comunidade que a habita e a reinventa.

Figura 4: 1º Fotos do Viradão Cultural Unileiro: Grito MUDA - acervo coletivo Feirinha, 2024.





Eixo 3: O Diálogo de Saberes e a Interculturalidade na Prática

Se o “GRITO MUDA” representou a potência da Feirinha em se reinventar “para dentro”, A Jornada de PANCs (Plantas Alimentícias Não Convencionais) - Sabores de la Selva: Descubriendo Pancs y Recetas en la Aldeia Yryapú, em 15 de agosto de 2024, ilustra seu transbordamento “para fora” em um dos atos mais transformadores (para os que puderam experienciar essa vivência) de diálogo intercultural de todo o período. A materialização do evento que contou com o apoio logístico da UNILA, exigiu um trabalho prévio de reconhecimento do território e a confecção de um material informativo, um pequeno guia com fotos de algumas das plantas (PANCs) que seriam encontradas na aldeia, elaborado em parceria com a mestrandu Guadalupe Anaya (PPG-IELA), que encabeçou a iniciativa através da temática de sua tese.

A Jornada foi, portanto, a fusão de um projeto de pesquisa acadêmica com o movimento de extensão da Feirinha, que já desenvolvia oficinas como “Esse Mato, é de Comer?”. O evento corporifica o que o sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2007) chama de uma “ecologia de saberes”, que só foi possível graças à abertura e acolhida da Aldeia Yryapú do povo guarani, do município de Puerto Iguazú, AR. A recepção, na figura da liderança Alcides Ojeda e com a participação dos jovens e crianças da aldeia, foi a condição fundamental para que o encontro florescesse.

O dia foi um rito de partilha. Iniciou-se com um café da manhã onde foram apresentadas receitas com PANCs. Depois da abertura com uma conversa, um grupo partiu para uma caminhada de reconhecimento, onde as plantas foram identificadas, coletadas e, por fim, levadas para o preparo coletivo do almoço. Foi nesse processo que os diferentes saberes dialogam de forma horizontal e sem hierarquia:

⇒ O saber ancestral personificado pelas guardiãs Adriana Benítez e Andrea Capelari, que guiaram o reconhecimento das plantas.

⇒ O saber prático-agroecológico e de inovação e resgate culinário, trazido pelas feirantes Lucivânia Felix, Maria Serrate - que partilhou e ensinou como fazer sua lasanha de coração de banana e de palmito de bambu (ambas com PANCs) - e Maria Paranhos com seus conhecimentos mateiros.

⇒ E o saber acadêmico-ativista da mestrandu Guadalupe e da mediação da Feirinha, que juntas teceram a ponte entre esses mundos.

As PANCs foram a linguagem que permitiu que esses diferentes saberes se encontrassem, representa a utopia da extensão universitária em sua forma mais

potente: não a de uma universidade que apenas “leva” conhecimento, mas a que constrói a ligação para que essa ecologia de saberes possa se ramificar e prosperar, num ato de profunda reciprocidade e descolonização do conhecimento.

Figura 5: Fotos da Jornada de PANCs - Puerto Iguazú - Acervo coletivo Feirinha 2024.



**Sabores de la Selva:
Descubriendo**

PANCs y Recetas
en la Aldea Yriapú

Palestrantes
Alcides - Aldea Yriapú - ARG
Adriana - Tierra Sin Mal - ARG
Lucivânia - Chácara Sorriso - BR
Maria Serrate - Horta Dona Laíde BR
Andreia e Carlos - Rancho Flores del Cielo - ARG

Início: 10h

15 de agosto

Cierre: 18h

Reserva Yriapú / 600 Hectáreas
Centro Guaraní de Visitantes

Una Actividad organizada por:

PPG-IELA + Feirinha

Apoio:

Unila
Feirinha
Agroecológica

Chácara Sorriso

Salidas desde del JU a las 08h
Regreso al JU a las 19h





Eixo 4 A Rede em Performance: Rito, Reciprocidade e Legado

Se os estudos de casos anteriores mostraram a face pública da Feirinha, sua capacidade de agenciar o debate político e o diálogo de saberes, a análise do evento “Feirinha Fim de Ciclo” nos convida a uma imersão em sua forma mais íntima: a trama de vínculos que a sustenta. Realizada de 27 de novembro de 2024, superou a celebração se tornando um rito autêntico de passagem, o ponto de inflexão que marca não apenas uma transição na mediação, mas também a materialização do próprio percurso desta pesquisa-ação.

A densidade desse rito é amplificada por sua dupla natureza, pontuando que não foi um acaso, mas uma decisão política e sensível. A data que marcava o encerramento de um ciclo de mediação, coincidia com a semana posterior ao da Consciência Negra. Diante de uma programação já vigorosa sendo planejada para a data, a decisão coletiva foi a de, “juntar forças, pautas e agendas num evento mais robusto”. Este gesto revela a maturidade da rede: a Feirinha já havia se tornado uma plataforma capaz de sediar, simultaneamente, um rito pessoal e uma agenda política de grande relevância, sem que uma dimensão anulasse a outra. A articulação com múltiplos parceiros, como o SECAFE, NEALA, o DELA, a EDUNILA e BIUNILA, é a prova material dessa rede em ação.

Sendo assim, a partir da solidez dessas alianças podemos compreender a profundidade da resposta comunal a esse momento de transição, e ao que fica e que permanecerá em seu futuro breve. A própria narrativa que marcou o encerramento na planilha de eventos, torna-se aqui um documento etnográfico central. Ao evocar os “encontros e desencontros”, os “sorrisos” e os “choro”, a fala transcende a nostalgia para realizar o que Nora (1993), descreveria como um “ato de constituição desse lugar de memória que por tantas vezes temos evocado no decorrer desse trabalho.

Seguindo para os aportes dessa confluência de acordos, podemos notar que esse momento reverbera como a força das redes de reciprocidade que esta pesquisa buscou compreender agem em alguns de seus níveis. A programação daquele dia com a presença de artistas de diferentes vertentes como Destrave Mental, Leandro DUB e Não Tô de Bobeira - respectivamente (Punk Rock Latino-americano, vertente de reggae e samba autoral na fronteira) - não pode ser vista como uma grade de shows comum. Demonstra um ato de retribuição simbólica, os mesmos artistas que tiveram a Feirinha como palco para sua expressão, agora retornam para presentear com sua arte o

fechamento de um ciclo de quem os acolheu. A troca aqui é simbólica e parte para o reconhecimento e para a gratidão, evidenciando que o capital social se tornou o verdadeiro alicerce.

Por fim, levanta a questão mais crucial para o futuro da rede: a sustentabilidade de um movimento, que embora muitas vezes floresça a partir da paixão da articulação individual, seria impossível de se concretizar sem as muitas mãos que garantem a coletivização do processo. O encerramento deste ciclo específico de mediação coloca a comunidade diante de provar sua própria autonomia e a potência dessa construção até esse ponto. A “Feirinha Fim de Ciclo”, não é portanto um ponto final. É uma vírgula; um ritual que questiona como o “mosaico de cores” que foi pintado coletivamente pode continuar a pulsar. A resposta para essa questão não é abstrata, mas sim prática e se encontra no próprio fazer do cotidiano da feira. Ela é fruto de uma complexa arquitetura das relações, de uma autogestão vivida no dia a dia . Para compreender o que sustenta o palco, é preciso olhar para os seus alicerces. Buscando enriquecer esse debate e exposição, é preciso adentrar a dimensão final deste capítulo , que explora os modos de organização produtiva que articula agroecologia e resistência cultural.

Figura 6: Fotos da Feirinha “Fim de Ciclo” - Despedida. Acervo pessoal. 2024





Formas de Organização Produtiva que conectam agroecologia e resistência cultural

A autogestão da Feirinha Agroecológica da UNILA não é um conceito abstrato: é vivência cotidiana e experiência encarnada em relações reais. É mesa posta com produtos sem veneno, mas também com afetos. É decisão em reuniões, onde vozes discordam, escutam, propõem e voltam a discordar, porque construir junto exige negociação. Os produtores, os estudantes, os coletivos – todos assumem funções, (nem sempre justas em suas demandas e suas devidas participações) revezam tarefas, compartilham cuidados e, entre tensionamentos e encontros, mantêm o espaço vivo.

Organizar a Feirinha é lidar com as tensões da diversidade. Há conflitos, sim – de valores, de horários, de visões sobre o que deve ou não estar presente. Mas há também o desejo persistente de seguir juntos, de construir um espaço de trocas verdadeiras, onde a economia solidária se faz na prática, e onde o saber popular se põe à mesa junto com a comida e a arte.

Como aponta Leff (2001, p. 112), "a formação de uma consciência ambiental converte-se num processo ideológico e político que mobiliza os atores sociais a transformar suas relações sociais de produção". A Feirinha encarna essa transformação ao propor práticas de cuidado, reciprocidade e autonomia. Cada arepa, cada sabonete artesanal, cada roda de conversa é, ao mesmo tempo, produto e narrativa de resistência à homogeneização cultural e econômica.

A presença de projetos de extensão, de movimentos sociais, de coletivos que defendem os direitos humanos, a justiça ambiental e a soberania alimentar também compõem esse caldo de reinvenção política. Juntos, eles traçam estratégias, compartilham pautas e tensionam os limites do possível dentro da universidade.

A autogestão, nesse cenário, não é somente um modo de funcionamento, mas um campo experimental de formas alternativas de viver, produzir e decidir. Como nos lembra Escobar (2015), práticas agroecológicas vinculadas a saberes locais e à ação coletiva são caminhos para desafiar o colonialismo e o capitalismo globalizado. E como sublinha Laville (2006), a economia solidária não se opõe apenas ao lucro, mas propõe outro horizonte: o da cooperação e da justiça social como motores da vida.

No cotidiano, esse projeto está longe de ser simples. Há ausências, sobrecargas, embates. Mas é exatamente nesses espaços de fricção que o sentido da Feirinha se renova. Porque resistir também é reexistir. E a Feirinha, em sua tessitura

coletiva, é esse lugar onde resistências se entrelaçam em gestos concretos — e seguem alimentando não só o corpo, mas a alma comunitária.

Num exercício de desvendar esses momentos e como eles são percebidos, as respostas demonstradas (produtores e feirantes) fazem uma aproximação de como ela é manifestada na prática, com todas suas harmonias e fricções.

Tabela 4: Como os feirantes lidam com conflitos. Fonte: A autora (2025), com base no questionário da pesquisa.

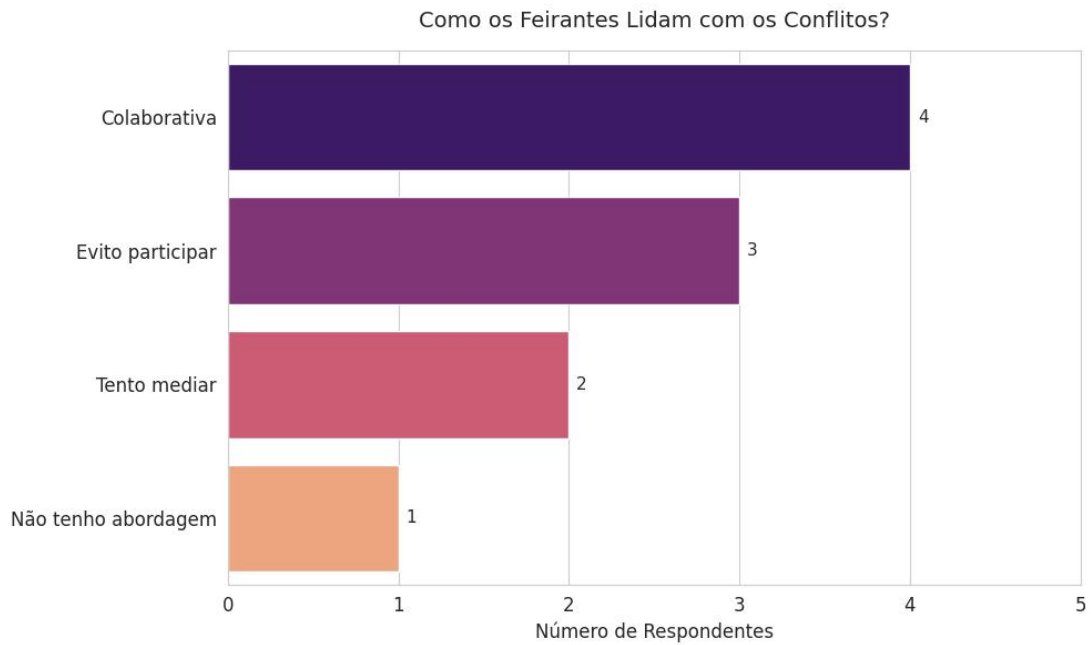


Tabela 5: Efeitos da participação coletiva nas relações. Fonte: A autora (2025), com base no questionário da pesquisa.

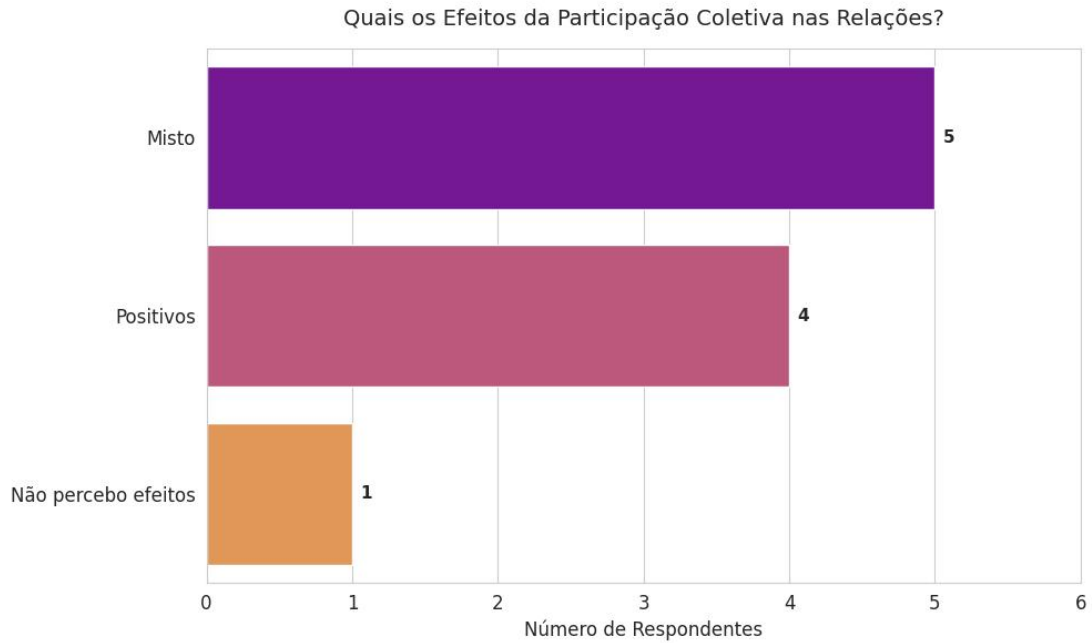
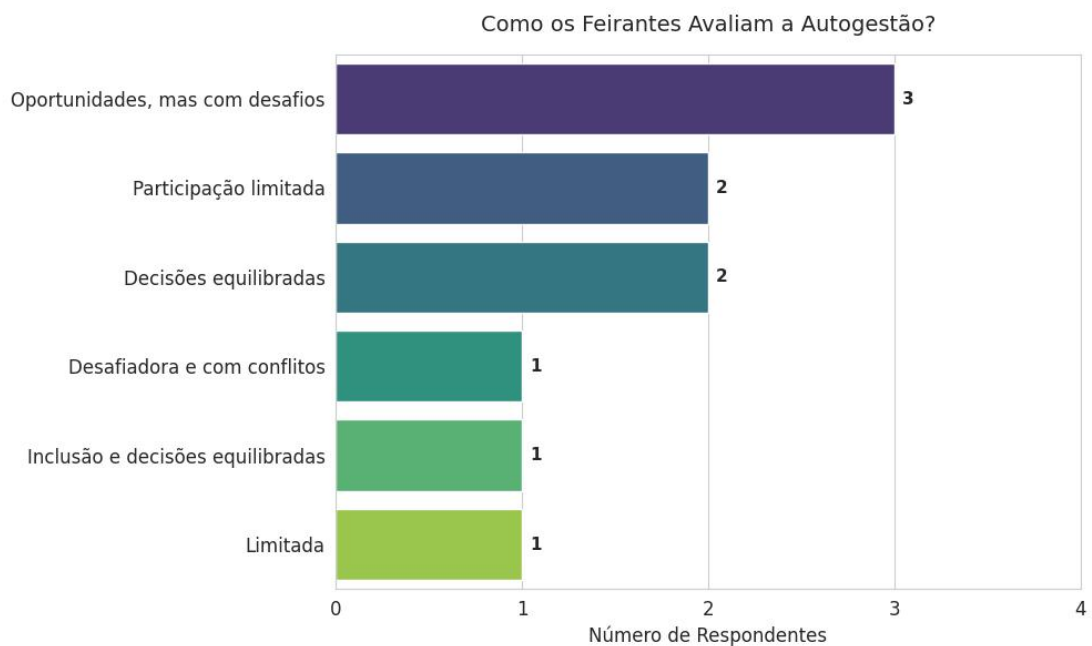


Tabela 6: Avaliação da autogestão pelos feirantes. Fonte: A autora (2025), com base no questionário da pesquisa.



As tabelas ilustram a forma como esses sujeitos Feirantes e Produtores lidam com as percepções de autogestão, de que forma são colaborativos ou não, numa trama complexa. Os dados pintam um retrato de tensões e potências. A avaliação da tabela 6 demonstra uma maturidade crítica: a maioria dos feirantes a percebe como “de oportunidades, mas com desafios”, reconhecendo as fricções inerentes ao fazer coletivo.

A tabela 4 avalia como o grupo lida com os conflitos demonstrando como funciona a dinâmica interna nessa mediação. As respostas indicam a formação de um núcleo mais receptivo em tomarem uma posição proativa com um total de 6 participantes, que busca resolver os “problemas” de forma colaborativa ou “Mediadora” contra um grupo de 3 respondentes que expressa um distanciamento, uma postura de “Evitar participar” das discussões.

Isso ilustra empiricamente, o que a partir da minha própria vivência junto a Feirinha, pude sentir na pele: as “ausências” e as “sobrecargas” que são inerentes à autogestão. A coletividade na sua forma crua é posta em prática, não é distribuída de forma homogênea. É dizer que o trabalho tem suas limitações no seu exercício, não funciona tão bem na sua distribuição e no seu envolvimento quando o trazemos para sua centralidade. Diante dessa experiência, que por vezes geraram atritos, pude compreender o paradoxo central da Feirinha: a busca por uma estrutura horizontal pode, se não for constantemente vigiada e cuidada, gerar um balanço negativo. A necessidade de articular com instâncias institucionais, o papel de mediar os conflitos que surgem e a de mobilizar coletivos, embora vise o bem comum, traz sobrecarga. Se desvia do ideal numa autogestão bem distribuída, ecoando a percepção do grupo como uma ou mais figuras que centraliza decisões, ainda que contra a própria vontade.

Se notabiliza que há muitas camadas a serem descobertas, porém é possível ver o querer interno de uma maioria, que vem contra o que o “sistema”, que busca não reproduzir as próprias lógicas de poder que buscam combater. Por esse prisma, pensar apenas a posicionalidade entre “engajados” e “ não engajados” não seria suficiente. Talvez, o que estejamos vendo seja a coexistência de diferentes práticas de estar em comunidade. Conforme Boaventura (2007) o desafio estaria na construção da “ecologia de saberes” que seja agregadora. A tarefa não é impor um único modelo de participação, mas criar as condições para que essas diferentes formas de ser e de contribuir, possam interagir de forma fluída e sustentável. Sem que a energia de uns se esgote, pela ausência de outros. Sendo nesta fricção constante e na busca por essa prática, que a resiliência e a maturidade da Feirinha são forjados.

Seguimos para a próxima seção para vislumbrar a agroecologia a partir dos sujeitos que a vivem na sua essência, com as mãos na terra, alimento na mesa e praticando diferentes saberes.

3.3 AGROECOLOGIA VIVIDA: DIFERENTES SABERES, MÚLTIPLAS PRÁTICAS

Desde que passeamos sobre o histórico da Feirinha, vemos que ela está amparada por práticas e presenças agroecológicas que se expressam numa diversidade de produtos compartilhados em suas bancadas. Indo além da mera comercialização se traduzindo em vínculos entre quem cultiva e quem se alimenta. Entre os nomes de quem acompanha com constância esse processo, dois agricultores expressam com nitidez o enraizamento da base que oferece alimentos frescos e de procedência semanalmente, são dois rostos que sustentam e se destacam pela continuidade na presença e pela variedade que colocam a disposição de quem passa: Lucivânia Félix , moradora da Chácara Sorriso, Bairro Três Lagoas, Foz do Iguaçu, PR, e Ido José Fay , morador do Assentamento Antônio Companheiro Tavares, São Miguel do Iguaçu, PR.

Esses pequenos agricultores trazem à Feirinha produtos que carregam suas histórias de vida, seu esforço para resistir às práticas agrícolas convencionais e o desejo de promover um modelo de produção sustentável. Vejamos suas trajetórias no quadro abaixo

Tabela 7: Perfis de Produtores.

Eixo	Joana (Lucivânia Félix)	José (Ido José Fay)
Área cultivada	1 ha (certificação Ecovida)	10 ha (2 ha com certificação)
Diversidade de produtos	Alta (hortaliças, PANCs, flores, geleias, antepastos)	Média (frutas, derivados animais)
Inovação	Antepasto de coração de bananeira	—
Técnicas agroecológicas	Policultura, compostagem, agrofloresta	Controle biológico
Compra de terceiros	Sim – aumenta variedade e atratividade	Sim – com desafios na qualidade

A comparação entre Lucivânia e Ido revela dois perfis de produtores demonstrando suas visões de mundo, dá para ver que ela pulsa mesmo nas formas de se relacionar com a terra, com a rede e com o tempo. Não há modelo único. Há potências múltiplas.

Lucivânia cultiva apenas um hectare, mas dentro dessa sua porção de terra floresce uma constelação. Entre hortaliças, frutas, flores, PANCs e conservas há também um cuidado em práticas regenerativas: agrofloresta, compostagem, consórcios. Ela desenha sua produção como quem compõe uma paisagem viva. Seu trabalho com a terra dialoga com Ana Primavesi (2002), que via no solo um ser que respira, e com Miguel Altieri (2008) ao pensar em agroecossistemas diversos e autônomos. Ela também não é somente agricultora, feirante, é também guardiã de receitas, mediadora de memórias, e sua banca sempre parece contar uma história. Não por acaso, ela assume uma função pedagógica, um ponto de troca entre o que se sabe e o que se compartilha.

Ido, por outro lado, cultiva uma escala maior e carrega a complexidade de quem transita entre sistemas. Parte de sua produção ainda é convencional, e a parte que é comercializada na Feirinha caminha pela trilha da agroecologia sendo um total de dois hectares. Ele trabalha com frutas, taioba (uma PANC), derivados do leite e produtos do assentamento. Suas escolhas refletem estratégias de permanência, ainda que seu desejo seja que todos os produtos sejam oriundos de um sistema inteiramente agroecológico, manter parte da produção tradicional pode significar uma leitura de segurança diante das instabilidades do campo. Além de vender, ele conecta: traz consigo a rede do assentamento, seus companheiros de luta e de produção, e os insere num novo circuito. Como sugere James Clifford (1998), as identidades não se fixam, elas se constroem em movimento. Ido é esse elo entre mundos: camponês, articulador, ponte.

Ao promover a venda direta de produtos agroecológicos, a Feirinha fortalece os laços entre a comunidade acadêmica e esses produtores, criando ambiente de solidariedade e colaboração mútua, estreitando laços. Como registrei em minhas anotações de campo, um estudante comentou: “Nós vemos na Feirinha um espaço onde podemos não só consumir de forma consciente, mas também aprender com os agricultores. Essa troca me faz refletir sobre como nossas escolhas de consumo impactam o meio ambiente e a sociedade.” (anotações maio/2023).

Essa iniciativa desafia práticas convencionais de mercado, que priorizam

impessoalidade e padronização dos produtos, se firmando no espaço contra hegemônico que é ditado pelo agronegócio. Em vez disso, a Feirinha valoriza relações humanas e proximidade entre produtores e consumidores, incentivando o consumo consciente e responsável. Como destaca Schmitt (2011),

Em vez da comida de nenhum lugar, cultivado por produtores desconhecidos, embalada e transportada através de longas distâncias por grandes corporações, ganham visibilidade outras práticas — antigas, novas ou renovadas — sinalizadas de um jeito diferente de produzir, distribuir, escolher, valorizar e consumir (SCHMITT, 2011, p. 45).

A Feirinha passa, então, a ser espaço de comercialização, mas antes de tudo, ponto de convergência de narrativas culturais e práticas sustentáveis. Ela promove resiliência coletiva e conservação dos ecossistemas, estimulando um modelo de desenvolvimento socialmente justo e ambientalmente responsável. Segundo Altieri e Nicholls (2012), a agroecologia integra princípios ecológicos ao manejo agrícola, visando sistemas sustentáveis que respeitam a biodiversidade e fortalecem a autonomia dos agricultores. Caporal e Costabeber (2004) reforçam que a agroecologia articula dimensões ambientais, sociais, culturais e políticas, sendo inseparável das lutas por soberania alimentar e justiça social.

Portanto, é certo afirmar que os dois agricultores encontram na Feirinha plataforma vital para promover práticas sustentáveis e comercializar seus produtos diretamente, sem intermediários, demonstrando na prática o estreitamento dessas relações. Em uma descrição de campo, observei Lucivânia, explicando a um grupo de estudantes: diante de uma rica variedade de produtos, a importância da rotação de culturas para manter a fertilidade do solo e o papel das abelhas na segurança alimentar. Dados recentes da Associação Brasileira de Estudos das Abelhas (2024) corroboram: as abelhas são essenciais para a segurança alimentar global, responsáveis pela polinização de cerca de 70% das principais culturas agrícolas, representando aproximadamente 35% do suprimento alimentar mundial. Esse momento ilustra não apenas a prática agrícola, mas também os valores, afetos e saberes compartilhados no contexto da Feirinha.

Findar este capítulo é como recolher as mesas ao fim da feira: os produtos que ficaram voltam ou são partilhados, os corpos se alongam, mas os vínculos seguem vivos. Ficam os rastros de conversa, os burburinhos de se propor a coletivizar e as vezes destoar, as receitas trocadas e as ideias partilhadas entre um punhado de cheiro verde e uma história de roça. Aqui se reverbera a circulação, a continuidade de saberes e

as insurgências do dia a dia que nos ensinam que cultivar também é resistir, lembrar também é plantar.

4. A TRAMA VISÍVEL: CARTOGRAFANDO AS RELAÇÕES (IN)VISÍVEIS NA FEIRINHA

Os capítulos anteriores tratavam de desvelar as histórias, os sujeitos e a densa porção das expressões culturais que dão vida à Feirinha Agroecológica da Unila. Conectando essa riqueza adquirida, até aqui procurou-se responder os objetivos (i) e (ii), respectivamente na construção de memória, reconhecimento dos sujeitos e aportar para as dimensões que exploraram a cultura na hibridação manifestada na comida e na arte. Chegou o momento de responder a questão de como a feira se constitui através das redes sociais que a sustentam.

Para tanto, este capítulo se aprofunda na dimensão social e no terceiro objetivo específico: escutar e sistematizar os sentidos e suas redes de reciprocidade que emergem do campo. Para isso, foi utilizada a cartografia social e afetiva como norte do que desvendaremos nesse decorrer. O que vai ao encontro do que diz Acserald (2008), para o qual a cartografia social é um instrumento que possibilita aos grupos tornar visíveis suas próprias realidades. Com isso, opera-se um ajuste sensível, com a mudança da escala da nossa análise. Se antes escutamos as vozes, agora desenhamos o mapa.

A proposta, portanto, se desenha como um mapa afetivo e não estruturalmente geográfico, onde “as relações e sentimentos importam mais que a precisão do espaço físico” (Guia da Cartografia 2024). Trata-se de aprofundar nas significações dadas pelos muitos atores que transitam pela Feirinha, um esforço de entendimento e significações que demonstram-na como uma experiência social singular.

Como trazem Reiniger, Wizniewsky e Kaufmann (2017), quando dizem que a agroecologia, tal como a Feirinha a encarna, é um campo de conhecimento que não compartimentaliza a vida:

Na prática, numa experiência concreta, não conseguimos dividir os eventos de determinada ação e analisá-la sob uma dimensão isolada, pois elas sempre se entrelaçam e sobrepõem. [...] É como um conjunto de fotografias de uma paisagem: ela é a mesma, mas pode ser vista de diferentes ângulos. Algumas imagens se sobrepõem, umas com mais zoom, outras com menos, mas todas do mesmo local (REINIGER; WIZNIEWSKY; KAUFMANN, 2017, p. 57).

Vemos que esse entrelaçamento é o que precisamente funciona nessa

leitura a partir da cartografia, que permite captar os vínculos e atravessamentos que não cabem em uma lógica linear. Destoando da pretensão de tecnicidade nesse mapear, ela desenha uma paisagem com suas simbologias afetivas, onde as relações sociais tomam cores, são traçadas com palavras e símbolos.

O percurso analítico usado nesse ponto, resulta da própria arquitetura da atividade do mapeamento que foi apresentada no formato do Guia de Cartografia da Feirinha como recurso pedagógico, desenvolvida num passo a passo onde cada etapa sustenta a próxima. Na seção “Cartografia em Construção: A Partilha”, é o detalhamento metodológico e o rito que se seguiu e que deu origem ao mapa. Na sequência, foi feita a primeira camada de interpretação, analisando a nuvem de palavras que emergiu do brainstorm como o “léxico afetivo” da feira. Por fim um mergulho na análise dos símbolos, desenhos e narrativas que foram inscritos no mapa, onde se revela os territórios afetivos que ancoram a Feirinha.

Traduzindo isso na passagem de uma memória em construção, essas relações podem ser percebidas nas rodas e nos seus encontros no gramado, nas conversas sobre as plantas que curam e as que alimentam, nas músicas que ecoam pela feira, nas decisões partilhadas entre quem produz, quem vende, quem cozinha e quem pesquisa. É testemunho de uma experiência viva, um retrato coletivo de um território em movimento

4.1 CARTOGRAFIA EM CONSTRUÇÃO: A PARTILHA.

A construção desse mapa social e afetivo não teve seu início com os materiais trazidos como cartolinas e canetas, antes foi um processo de escuta, que trouxe momentos de inflexão de onde e como é a Feirinha para todos. Ali foi um momento onde escutamos diversas histórias, onde as experiências foram postas. Compartilhamos sobre as presenças e ausências que atravessaram a Feirinha. A atividade de cartografia se deu nos dias 18 e 19 de setembro de 2024 nos campi JU e CI, com uma última oficina no dia 25 no JU onde selamos o processo de finalização coletiva do material. Em todas as ocasiões se demonstrou um exercício de representação, vivenciado num gesto coletivo.

Orientados pelo Guia de Cartografia Social e Afetiva da Feirinha Agroecológica da UNILA, feita para esse momento, os participantes foram divididos em pequenos grupos e convidados a responder. Depositando a intencionalidade para que não fossem apenas palavras escritas em resposta a um formulário, foi solicitado que elaborassem também desenhos, símbolos e afetividade. As perguntas guiaram reflexões

como: "Onde você se sente em casa na Feirinha?", "Quais trocas são mais significativas para você?", "Que práticas coletivas ou de cuidado já vivenciou aqui?", "Quais memórias te atravessam quando pensa neste espaço?". Algumas dessas respostas foram compartilhadas em roda, outras desenhadas no papel e algumas escritas individualmente e entregues à pesquisa como complemento da cartografia. Esse material permanece guardado como documento vivo

Figura 7: Fotos da confecção da Cartografia Social e Afetiva da Feirinha. Jardim Universitário - JU - Acervo coletivo Feirinha. 2024

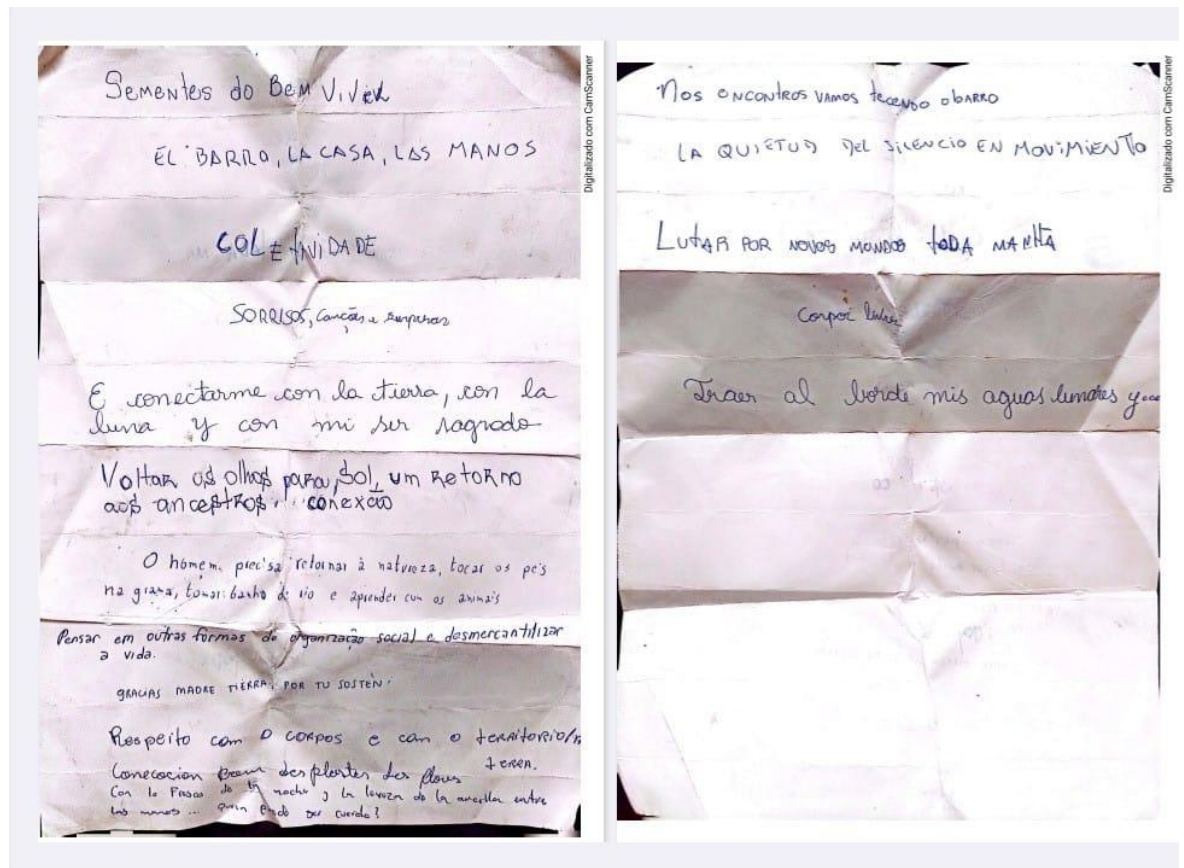




Já no Campus Integração, esse processo foi intensificado pela presença da artista-facilitadora Isabella Saraiva, que conduziu a vivência poética “Encantos y Eco poesías”. Tivemos início da atividade com um círculo de cantos, num entrelaçamento de canções autorais e poemas como convite ao trabalho de escuta sensível e ao enraizamento como já iniciado no JU no dia anterior, agora de forma mais intimista. Destaco o trecho da canção de sua autoria: “Sou terra, sou pó, da terra eu sou, dela eu vim, pra ela eu vou.” Também foram entoadas canções tradicionais como “Vasija de Barro”, símbolo do cancionero popular do Equador, chamando a fusão entre o corpo e o barro como continuidade da vida. Isso se deu em diálogo com a prática cerâmica apresentada por Sofia, (Baía Blanca, AR) que nos agraciou com seu saber, e a eco poesia propôs modelar palavras e sentimentos em paralelo ao barro. Os participantes então escreveram fragmentos poéticos em papéis, que depois foram dobrados, embaralhados e depois lidos

em voz alta - “colhendo, assim, uma eco poesia coletiva: fruto da escuta e criação comum”. Essa ação expandiu os sentidos do mapa em direção ao sensível, ao ritualístico e ao ancestral.

Figura 8: Eco poesia coletiva: fruto da escuta e criação comum. Acervo de Isabella Saraiva. 2024.



Como partilhado no convite da vivência: “No desejo de plantar mundos possíveis, lançamos as sementes do bem viver, através das poéticas que nascem em nosso corpo-terra.” (Isabella Saraiva, comunicação escrita, 2024).

Figura 9: Fotos da confecção da Cartografia Social e Afetiva da Feirinha. Campus Integração - CI - Acervo coletivo Feirinha. 2024



A artista e facilitadora também deixou em seu relato o seguinte:

“Toda a atividade foi permeada por uma atmosfera calorosa e significativa, onde arte, natureza e espiritualidade se entrelaçaram. O encontro reafirmou o papel transformador da Feirinha Agroecológica como espaço plural, onde a pluridiversidade de saberes se manifesta e a integração latino-americana se faz presente nos corpos, nas palavras e nas práticas cotidianas de bem viver.”

Revisitar todo esse processo me atravessa profundamente. Além da coleta dos dados para a pesquisa, foi aprofundada uma partilha existencial onde cada um se situou como sujeito e como coletivo ao trazer seus sentidos para a roda. Ao acompanhar a gestação desse mapa, reconheço nele uma imagem de mim mesma em relação à Feirinha. Ouso dizer que crescemos juntas: eu, enquanto parte viva deste território, como discente; enquanto pesquisadora que se envolve e se compromete; enquanto corpo que se deixou afetar e também o oposto, como materializando nesse caminho o que estamos nos tornando juntas.

Abaixo algumas imagens dessa vivência coletivizada no CI, que foram adensadas com as atividades de ecopoesia e do barro e tornaram a experiência única.

4.2 PALAVRAS QUE TECEM A FEIRA.

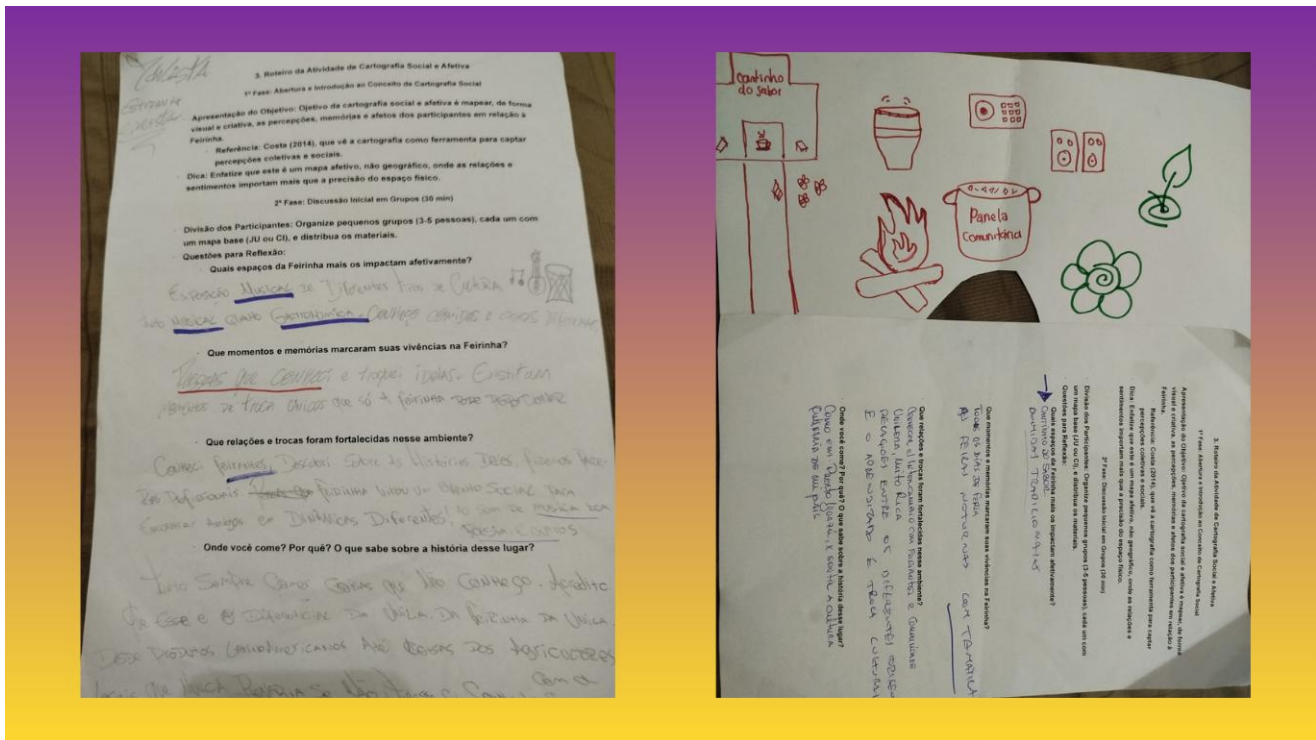
O apanhado condensado de palavras e símbolos aportou para mostrar que o que se teve, foi muito mais que apenas um exercício visual. Ao posicioná-la no centro desse fazer coletivo, ajudou como uma legenda simbólica nos lembrando do percurso até ali - um léxico vivo, que organiza as ideias, ilumina e dá corpo ao materializar a proposta da cartografia. Versando numa pulsação comum, essas palavras mais mencionadas sintetizam dimensões profundas que foram cultivadas. Interpretá-las é o caminho proposto para seguirmos;

No segundo momento da oficina, nos reunimos ao redor de uma mesa e as respostas com as palavras e símbolos trazidos pelos grupos e pelas respostas individuais foram assinalados, grifados e aproximados de acordo com suas semelhanças. Esse processo foi conduzido coletivamente: à medida que cada grupo compartilhava suas anotações e desenhos, os termos mais recorrentes iam sendo destacados nas folhas de respostas que foram norteadoras da nossa primeira etapa, e discutidos em torno de seus significados.

Na oficina seguinte, retomamos esse material que foi inserido na segunda parte do Guia da nossa cartografia, uma vez que já havíamos realizado o exercício de sistematização coletiva. Cada palavra que mais se apresentasse ou símbolo era relido e, em diálogo, os participantes propunham aproximações semânticas. Assim, palavras como acolhimento e hospitalidade foram reunidas num mesmo campo de sentido, enquanto símbolos, como a caixa de som, foram associados a expressões como música e apresentações, por exemplo. Esse trabalho de aproximação não foi meramente técnico: ao discutir o pertencimento de cada termo, os participantes reafirmavam os vínculos afetivos e coletivos que os atravessavam no contexto da Feirinha.

Com isso, emergiram grupos de palavras principais e secundárias. Os grupos principais correspondiam aos termos que apareciam com maior frequência e que mobilizavam sentidos partilhados de forma mais ampla; já os blocos secundários incluíam menções mais específicas, mas não menos significativas, como pastel da Mirca ou barraca da Lucivânia. Esses elementos, apesar de menos universais, iluminavam aspectos concretos da experiência cotidiana, inscrevendo rostos, sabores e práticas singulares no mapa coletivo.

Figura 10: Folhas de respostas que foram compartilhadas para a etapa de identificação e agrupamento dos sentidos das palavras mais recorrentes⁶.



A etapa seguinte se deu de modo ainda mais imagético e participativo. Durante a última oficina, as palavras e grupos identificados foram transpostos para a cartolina, ganhando forma através de desenhos, pinturas, colagens e inscrições coloridas. Essa intervenção lúdica não apenas representou os blocos, mas também adensou sua dimensão simbólica: cada traço ou cor escolhida pelos participantes se somava à polissemia do léxico coletivo. Assim, o exercício deixou de ser apenas verbal ou gráfico, tornando-se uma experiência estética e afetiva, onde o corpo e a imaginação também cartografaram o território da Feirinha.

⁶ A segunda foto apresenta os símbolos que foram trazidos para compor esse processo e desenhado pelos participantes que optaram para além da resposta escrita, trazer suas simbologias desenhadas em representação as respostas que foram guiadas pelo Guia de Cartografia da Feirinha num primeiro momento.

Figura 11: Processo de Confecção da Cartografia Social e Afetiva.



A escolha de organizar os dados em grupos de palavras em vez de gerar uma nuvem automatizada por software foi escolhida no meio do processo, sendo que gesto metodológico privilegiou o sentido compartilhado, respeitando a organicidade do processo coletivo. Ao invés de reduzir as respostas a frequências numéricas, procuramos dar visibilidade às relações, consensos e afetos que emergiram da partilha. Esse movimento resultou numa legenda simbólica que não só ilumina o percurso vivido, mas também constitui um léxico vivo da Feirinha — síntese provisória e aberta, que segue se transformando junto com ela.

As palavras mais recorrentes identificadas foram: (as palavras postas nessa nuvem são apenas para ilustrar, as palavras em azul escuro e maiores compõem o grupo de palavras principal e as demais as palavras secundárias).

Figura 12: Nuvem de Palavras



Para maior clareza, as palavras foram divididas em blocos temáticos, porém não surgem como categorias analíticas prontas e sim como vestígios para alcançarmos o objetivo da confecção desse mapa.

Bloco 1: Cultura, Música e Apresentações

A forma como as palavras surgiram as coloca em posição destacada mostrando a centralidade das manifestações artísticas como linguagem de pertencimento e mediação intercultural. Os dias com apresentações culturais com: música ao vivo, saraus e performances não têm objetivo apenas de entreter ou como função de “animação”. Eles carregam na verdade expressões de enraizamento identitário a exemplo de uma apresentação de “Guarânia”⁷, música tradicional paraguaia. Sendo estas formas de reconhecer-se, de dizer quem sou (somos), de onde venho, de enunciar mundos possíveis e afirmar suas trajetórias próprias.

Tais formas de se colocar e se apresentar ao mundo por meio da arte demonstra que o que se ouve, se vê e o que se canta na Feirinha, faz parte de uma arquitetura simbólica de seu modo próprio de existir, que lhe confere a singularidade para as demais feiras da cidade. Ou seja, a arte aqui não está à margem da agroecologia, ela é parte de seu corpo coletivo e versa de maneira potente.

⁷ Gênero musical de origem paraguaia, conhecida por suas melodias lentas, melancólicas e ritmos em compasso ¾. Criada por José Asunción Flores em 1925, a guarânia expressa o caráter do povo paraguaio através de suas canções.

Bloco 2: Comida e Gastronomia

Quando o assunto é “comida” e “gastronomia”, os termos que aparecem de forma muito marcante é possível verificar que a densidade por elas carregadas aparece com densidade afetiva e histórica como já percebido anteriormente. As referências ao pastel, às empanadas, ao alfajor e às arepas na marcação das palavras que representam essa categoria reverencia os muitos sabores que vêm de diferentes partes da América Latina, revelam a dimensão transfronteiriça da Feirinha. A comida como linguagem nos convidando ao encontro, traduzindo territórios. Cozinhar, compartilhar e consumir alimentos na Feirinha é vivenciar a interculturalidade, traduzindo diferenças em vínculo.

Bloco 3: Produtos Agroecológicos

A referência ao agroecológico na incidência das muitas vezes que as palavras remetem a “produtos agroecológicos” nos conta à base material e política da Feirinha, no decorrer será melhor trabalhado. Não sendo apenas uma tipificação de produtos, ou uma categorização, antes de tudo aponta para uma ética de produção e da relação de como lidam com a terra: diz da confiança nas mãos de quem planta, da recusa ao veneno, da valorização de outros modos de produzir.

Na produção da cartografia, os produtos agroecológicos apareceram em diálogo com os rostos que oportunizam que esses alimentos cheguem e possam ser acessados, juntamente com suas histórias e procedência. Trazem uma escolha de mundo consigo.

Figura 13: Produtos Agroecológicos (os coloniais também tem os princípios na sua feitura). Acervo coletivo Feirinha



Bloco 4: Amizades, Integração e Trocas

Fechamos com um grupo de palavras que nomeiam a dimensão relacional que se dá através da Feirinha. É perceptível que a amizade que nasce, que se cultiva, que se ganha não é um aspecto individual e sim um tecido social que é semanalmente recarregado e cuidado. Quando buscamos sentidos nas palavras integração e trocas, vemos que são marcadores que expressam os vínculos que sustentam a feira como comunidade. São trocas de saberes, aqui aprendemos e compartilhamos. Representa apoio ao outro, seja no fortalecimento da economia local, seja na solidariedade. Trocas não monetárias que permitem moldar um tecido relacional forte - sinalizando que nela se encontra um terreno fértil para construção de redes: são essas redes que darão suporte, que darão sustento, amparo, serão resistência e que permitirá integração.

Portanto, a nuvem de palavras que foi produzida se torna um recurso gráfico importante, agindo como um índice de uma memória de muitos, que se coletiviza num testemunho de um pertencimento múltiplo. Cada termo lexical ali grafado se traduz em um modo de viver e de experienciar a Feirinha tanto individualmente como coletivamente. Ao agrupá-las em blocos simbólicos, se pretendeu dar luz a essas muitas camadas num passeio que trouxe sobre o território que vão da estética à ética, da comida

ao cuidado, da arte ao amor traduzindo sentidos em simbolismos gráficos.

Aliás, essas camadas simbólicas alçadas reverberam os sentidos analisados no capítulo anterior. Ao visualizá-los em conjunto e dar forma coletiva a essas palavras, corrobora e amplifica as dimensões de memória, hibridação que já atravessaram a comida, a arte e as práticas sociais descritas anteriormente. O próximo passo da cartografia é transbordá-la imagetivamente, essa gramática nos prepara para reconhecer no espaço físico da Feirinha, seus pontos quentes, suas marcas vividas de uma comunidade em movimento.

4.3 OS PONTOS QUENTES DO LUGAR.

Por fim a análise dos elementos visuais e de como essas narrativas que foram captadas e transcritas, nos fornece uma lupa, para por na cartolina e assim materializar a cartografia social e afetiva na sua complexidade e na sua possibilidade de dimensionar o que ocorre de mais denso nessas relações sociais. Através do reconhecimento dos “pontos quentes”, os lugares e os símbolos carregados de significação que ancoram a experiência coletivizada, onde esse mapeio se torna a representatividade de como apontaria Huta (2020) “Territórios Afetivos”, lugares esse que “carregam sentimentos de pertencimento e acolhimento”.

a. As Âncoras do Pertencimento: Sabores, Rostos e Lugares

Nesse último processo, saímos do abstrato para materializar em referências concretas o que tem função de servir como âncoras para a comunidade da Feirinha. Os rostos aqui ganham nome e se desenham como referenciais reconhecidos. Quando guiados por uma das perguntas do Guia de Cartografia da Feirinha: “Quais os espaços da Feirinha mais o impactam afetivamente?”, os participantes responderam de forma recorrente para a “Barraca da Lucivânia” e/ou “Cantinho do Sabor”. Já a menção a produtos específicos como “Pastel da Mirca”, “Alfajor do Tio Alê”, “empanadas”, “choripán”, mostra a dinâmica que se cristaliza em torno de sabores, que fundamentalmente se evidencia nos rostos que o produzem. A procura não é somente pelo pastel, se nomeia e identifica quem está por detrás desse alimento como no exemplo do pastel da “Mirca”. Esses feirantes, passando a ser eles mesmos, os “pontos quentes” na representação cartográfica. Dessa forma, podemos ver que os espaços físicos, além de referencial geográficos tem uma carga de memória: o “Cantinho do Sabor” nesse sentido representa “a retomada pós-pandemia”, um marco para tudo que viemos a construir desde então,

como uma posição da genealogia que foi vivida.

b. Os símbolos da identidade coletiva, Música, Capivara e a Integração

Alguns dos símbolos que foram representados falam da identidade coletiva que coincide. O ponto que se coloca o palco da Feirinha tem os signos em “uma caixa de som e notas musicais”, microfone e ali aparecem quem foi palco também ex: “Slam de la Frontera”, a palavra Integração também é fixada nesse ponto, como praticando uma ressonância do que para a maioria foi o ponto de convergência. Outro símbolo potente no mapa, foi a figura da “capivara”, mascote da Unila na entrada ao lado do ponto do intercampi que conecta os demais campi e oferece esse trânsito mais facilmente - aqui a enxergamos como um ato de apropriação, a capivara um animal que comumente habita as áreas próximas a corpos d’água, como rios, lagos e grandes áreas verdes representando a identidade “fronteira”. Ao desenhá-la, os participantes tomam para si a afirmação: “esta universidade também é nossa”. É através desses símbolos que a Feirinha se revela como a própria utopia da Unila: a Integração, uma das trocas fortalecidas mais citadas, descrita como: “relações entre os diferentes, origens, o aprendizado e troca cultural”.

c. O Fogo, a Dureza e as Ausências

A camada mais profunda é a que mapeia as tensões. A representação da estrutura do hall da entrada principal, o ponto que dá acesso ao corpo físico da Unila, com “cores escuras e com riscos” e a palavra em destaque “burocracia” é uma denúncia visual que nem tudo acontece de forma tranquila e sem afetar quem comunga com a Feirinha em seus dias - denuncia uma “dureza institucional” ou mesmo um reflexo de “dificuldade em acessá-la” em alguns momentos, particularmente no período da pesquisa a Feirinha teve problemas com a instância em questão a logística, a infraestrutura e a empréstimo de equipamentos para citar que nem tudo foi só harmonia.

Em contraponto, surge o símbolo do “fogo” e uma “panela”, que remete à “Olla Comunitaria”. O início da Olla foi possível ao se conectar com a experiência em sair das salas de aula para a vivência com os movimentos sociais e a prática universitária. A ideia tomou vida após minha participação, junto a outros estudantes, em um Estágio de Vivência EIV a convite do Levante Popular da Juventude e outros movimentos como MST e MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens). A partir do descontentamento e necessidade de um Restaurante Universitário (RU), “puxei a ideia” como exercício prático: o que faríamos para ser ouvidos? Se juntaram à iniciativa, além dos outros estudantes que acompanhavam o EIV, mais outros alunos e coletivos que já tinham essa pauta como

urgente de ser tratada e discutida de forma mais ampla e aberta. O “sopão comunitário” foi propositalmente traduzido para “Olla Comunitaria”, e o prato escolhido, o sancocho⁸ ecoando a identidade plural latino-americana. Nesse contexto, o fogo simboliza o caráter em seu duplo aspecto como ato de protesto mas também de cuidado. Se aproximando da filosofia do “Bem Viver”, que Krenak propõe, quando sua manifestação prioriza o bem-estar comunitário e a interdependência.

Figura 14: “Olla Comunitaria” - Sancocho - Acervo coletivo Feirinha. 2024.



A cartografia passa a um sentido sensível, que pode trazer sentimentos de dor, raiva ou falta, criada num gesto que sua representação é lida como um memorial, adicionada em um lugar da cartografia “um campo de memória das ausências”. Ali foi recordado a vida de alguns estudantes que se foram tão precocemente como os casos de Sahyan Millaqueo e de Martina Piazza Conde.

A figura canina mais carismática que tivemos nesse tempo também teve

⁸ O sancocho é um prato emblemático de diversos países da América Latina e do Caribe, especialmente da Colômbia e Venezuela. Longe de ser uma receita única, ele é, em si mesmo, um microcosmo da hibridação cultural: um cozido robusto que combina diferentes tipos de carnes, tubérculos (como mandioca, batata, inhame) e vegetais, variando intensamente de região para região. Sua preparação é, tradicionalmente, um ato coletivo, associado a encontros familiares, festas populares e mutirões. A escolha do sancocho para a Olla Comunitaria, portanto, carrega uma dupla simbologia: a de ser um prato que “sustenta” e nutre, e a de ser um alimento que, por sua própria natureza, evoca a união, a partilha e a celebração da diversidade latino-americana.

seu espaço e sua lembrança, com o nome de “Papaya”, esteve presente na universidade e seus arredores, há tantas histórias quanto a constância de sua presença no nosso meio. O simbolismo que se coloca é que se deve e que podemos enlutar pelas ausências dos que se foram, a importância de viver essa ausência por meio de suas memórias. Por último destaco uma frase que foi um pedido a refletir sobre os momentos que o marcaram como indivíduo e coletivamente, “os espaços de debates em relação às problemáticas [...] “com as apresentações artísticas”, agora trazidas que se pode ter a densidade das questões levantadas tratadas e pode-se celebrar nesse mesmo lugar.

Findar esse percurso cartográfico, reitera o quão viva é o tecido social presente na Feirinha e que caminhos que eram (in)visíveis puderam ser descobertos ao explorar e identificar as sutilezas que tiveram suas representações. Como ver ela como um organismo, uma rede de relações que, ao se tornar visível, nos brinda sua oferta mais generosa para a questão central da pesquisa. A Feirinha se sustenta através de sua capacidade de ser, simultaneamente, um palco para a cultura, um refúgio para recordar, e acima de tudo, um lugar, onde enquanto comunidade pode, juntos desenhar e se necessário redesenhar constantemente seu próprio mapa. Porque é visto que o invisível quando acionado pode ser transmutado e ter sua compreensão mais tangível do que presumido - há força e fôlego para rumar a sua permanência.

Para complementar a compreensão visual do material, é possível visualizar a cartografia coletiva finalizada com mais detalhes⁹.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizar esse recorrido, amplia a ousadia inicial em compreender a Feirinha Agroecológica da UNILA como um microcosmo da diversidade latino-americana e a eleva a uma constatação etnográfica. Esta pesquisa demonstrou a Feirinha não sendo apenas um reflexo e sim um agente ativo que condensa e reproduz, em pequena escala, algumas das dinâmicas mais profundas do nosso continente. Os processos de migração visíveis nos dados e nas trajetórias, pulsam como motor que a própria universidade carrega na sua proposta de acesso. As pautas de lutas por direitos, por sua vez, materializa-se em atos cotidianos de resistência cultural, ora pela escolha por um modelo

⁹ Para visualizar o resultado da cartografia social e afetiva construída coletivamente na Feirinha Agroecológica da UNILA, acesse o vídeo: <https://youtu.be/vPmyl-F9e9k>

. O vídeo apresenta os blocos de palavras agora materializados coletivamente por meio de símbolos e desenhos que sintetizam o trabalho realizado nas oficinas de 18, 19 e 25 de setembro de 2024.

de produção agroecológico contra hegemônico que desafia o agronegócio, ora pela ocupação poética, coletiva e cultural do lugar que afirma a universidade como um território do povo. A Feirinha, nesse sentido sendo um espelho das “veias abertas”, mas também um laboratório de utopias, o palco que vibra e pulsa denotando que está vivo e tendo a pluralidade de um continente sendo praticada, negociada e celebrada semana após semana.

A pergunta que deu norte a este trabalho, após compreender sua inserção microcós mica: Como a Feirinha se constitui através da memória coletiva, das negociações culturais e das redes sociais que a sustentam?

O entendimento de lugar de memória, se legitima da sua própria resiliência, de uma história viva. Seu percurso é comprovado, vejamos: a memória de sua origem, ligada às lutas pela terra, funciona como aporte de um consciente político. No entanto, é fundamental notar, como a pesquisa demonstrou, que a função dela se transformou. Se na rearticulação pós-pandemia o ato de “não esquecer”, trazer a lembrança como propulsora era central, hoje a Feirinha não é mais um resgate; ela é uma constatação, parte do cotidiano.

Sendo assim, a memória, agora, opera de forma mais aprofundada e multifacetada, como pudemos explorar. Manifestada na comida, na qual ancestralidade e culinária são servidas em pratos temperados pela resistência, que deságua contestando o global em detrimento do local. Ela se inscreve, nos espaços ocupados, sobre o que foi o “Cantinho do Sabor”, que carrega a luta estudantil e recentemente somadas as significações de ter sido permanência e abrigo no momento que buscamos um espaço. Cuidada coletivamente, como na cartografia, reservando um espaço para as ausências que nos enluta e que também nos abraça gerando um conforto pelo não esquecimento. Dizer que, não seja um que “recusa ser esquecido”, mas sua propriedade em dizer ser um território que recusa a esquecer, um organismos vivo que utiliza ativamente suas múltiplas memórias - ancestrais, políticas, afetivas e de luta para ser fortaleza no presente.

Quando trazemos ao centro para responder as negociações culturais, é certo a colocar como um laboratório, não sendo uma exposição nua e crua, evidencia as muitas camadas que perpassam esse processo, sendo a diversidade seu ponto de destaque e da constante negociação. Sob o prisma da hibridação, que se apresenta visível nos inúmeros pratos, ritmos e sotaques. Porém, a pesquisa por outro lado demonstra que isso não acontece a todo tempo de forma harmoniosa.

A negociação é, por vezes, uma barganha com a realidade material, com

as possibilidades nesses termos. As adaptações são um meio para aproximação, seja ela no ingrediente substituído, na junção dos ritmos, na língua reinventada como o “portunhol de fronteira”. Sendo um espaço de exceção que, ao oferecer segurança e acolhida, permite que isso aconteça, transformando até mesmo a fricção desses encontros em uma nova síntese cultural.

Finalmente, é possível afirmar que a Feirinha se sustenta por uma densa e complexa rede social e afetiva. Sua sustentabilidade não reside em uma estrutura formal, ainda que isso seja uma das contribuições para sua garantia e permanência no contexto acadêmico. Ela se enviesa justamente na construção de sua tessitura coletiva que opera a partir de uma economia de solidariedade e do afeto.

Essa rede é manifesta em porções generosas: na retribuição simbólica dos artistas que se apresentaram voluntariamente e aggrandaram nossas culturais brilhantemente, na proposição agregadora de uma ecologia de saberes partilhada e vivenciada, transpondo os muros da universidade e chegando a outros territórios; nas inúmeras parcerias com os mais variados coletivos e de setores da própria universidade. A autogestão, com todas as suas tensões e sobrecargas, é a arena onde essa rede se testa e ali também onde se fortalece. Conhecendo os “pontos quentes” dessa trama, foram nomeados e reconhecidos no seu exercício de cartografar: quem são os feirantes, os pratos mais lembrados, os lugares que funcionam como os nós que mantêm a rede segura e coesa.

Contudo, esta constatação cartográfica não encerra a pesquisa; pelo contrário, ela abre para um futuro promissor. Sendo a mesma análise que a coloca como potência nos aponta algumas de suas fragilidades. A partir dela que se torna possível, sugerir alguns caminhos para seu fortalecimento e sua permanência.

O paradoxo apresentado diante das dificuldades de autogestão que trata a busca por uma estrutura horizontal, é a mesma que, na prática onera, gerando sobrecargas e assimetrias. Com intuito de mitigar esta fricção, que é o maior desafio interno, sugere-se que o próprio coletivo de feirantes aprofunde seus mecanismos de organização. Isso poderia incluir a criação de Grupos de Trabalho (GTs) permanentes (e não somente para eventos), com rodízio de responsabilidades nas áreas de comunicação, diálogo institucional e na curadoria cultural. Esta última, podendo ser somada a parcerias com outros órgãos e coletivos correspondentes à demanda. A formalização de um conselho gestor, com representação de todos os setores, sendo eles produtores, feirantes em geral, estudantes, artistas, se colocando como um caminho para distribuir o poder

decisório e garantir uma escuta mais sensível e o envolvimento mais genuíno nos afazeres e na sua sustentação coletiva. Afim de alcançar uma forma mais equitativa e menos exaustiva para seu núcleo de engajamento.

A Feirinha, por muito tempo, se projetou a partir da paixão e resiliência de seus membros, mas como vimos nos desafios de infraestrutura, é frágil. Recomenda-se portanto, que a UNILA avance na sua institucionalização, mas que garanta sua autonomia. Transformando-a de um projeto dependente de vontades individuais, em um Programa de Ação Estratégicos. Sinalizando uma mudança não somente burocrática, mas passo fundamental para garantir sua perenidade. Ser um programa estratégico significa, que na prática serão alocados recursos institucionais, sendo eles: um orçamento mínimo para infraestrutura que a pesquisa apontou com deficitária (pontos de energia, equipamento de som de qualidade) e o suporte de pessoal, com a criação de bolsas de extensão que atuem na articulação e desenvolvimento. Importante, a institucionalização aqui não deve ser confundida com controle ou engessamento, mas como dever da universidade propiciar o suporte necessário para que a autonomia e força criativa dela possam florescer de maneira sustentável.

E por último, diante da riqueza das narrativas coletadas, seria de grande valia a criação de um projeto de memória viva da Feirinha, um arquivo escrito, oral e visual que documente as histórias de seus protagonistas, dos seus sujeitos e preserve seu legado.

Em última análise, a Feirinha Agroecológica da UNILA denota ser um território-escola, onde se aprende e se aprende a construir uma comunidade na diversidade. Que esta pesquisa sirva como ferramenta e como meio para seguir “semente” e que dela se prosperem outros projetos tão vigorosos quanto ela própria.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. Cartografia social e dinâmicas territoriais: marcos para o debate. In: ACSELRAD, Henri (org.). Cartografia social e dinâmicas territoriais: marcos para o debate. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008. p. 9-18. Disponível em: https://conflitosambientais.org/wp-content/uploads/2023/06/Cartog.2023.HA_Marcos.pdf
Acesso em: 23 jul 2025

ALTIERI, Miguel A. Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 5. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

ALTIERI, Miguel A.; NICHOLLS, Clara I. Teoría y práctica para una agricultura sustentable. México, D.F.: Programa de las Naciones Unidas para el Medio Ambiente – Red de Formación Ambiental para América Latina y el Caribe, 2000. ISBN 968-7913-04-X. Disponível em: https://www.icia.es/icia/download/Agroecolog%C3%ADa/Material/Teoria_agricultura_sustentable.pdf. Último Acesso em: 13 agost. 2025.

ALTIERI, Miguel A. Agroecología: bases científicas para una agricultura sustentable. 2. ed. Montevideo: Editorial Nordan-Comunidad, 1999. Disponível em: <https://agroeco.org/wp-content/uploads/2010/10/Libro-Agroecologia.pdf>. Acesso em: 29 maio 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DAS ABELHAS (ABELHA). As abelhas e a segurança alimentar. Disponível em: <https://abelha.org.br/>. Acesso em: abr. 2025.

BITELLI, Fábio Molinari. Mercados urbanos e hibridação da cultura alimentar latino-americana. 2022. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina (PROLAM), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/84/84131/tde-03012023-172201/publico/2022_FabioMolinariBitelli_VCorr.pdf. Acesso em: 29 maio 2025.

BOFF, Leonardo. Saber cuidar: a ética do humano - compaixão pela Terra. Petrópolis: Vozes, 1999. Disponível em: <https://www.dfi.ufms.br/wp-content/uploads/2021/08/Saber-cuidar-Leonardo-Boff.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2025.

BOFF, Leonardo. Virtudes para um outro mundo possível. Volume III: Comer e beber juntos e viver em paz. Petrópolis: Vozes, 2006.

BOUTAUD, Jean-Jacques. Comensalidade: compartilhar a mesa. In: MONTANDON, Alain (Org.). O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Senac, 2011.

BRITO, T. P.; ESQUERDO, V. F. Pensamento agroecológico latino-americano: uma expressão da filosofia latino-americana. 2022. Disponível em: <http://redesurais.org.br/artigos/artigo-ea2c59d9ea374e6531a36e22e647c49d97b82b5b-arquivo.pdf>. Acesso em: 29 maio 2025.

CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2013.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José André. Agroecologia: enfoques teóricos e estratégicos. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2004.

Circuito de Feiras de Foz <https://www.h2foz.com.br/planeta-foz/foz-o-que-fazer/foz-do-iguacu-tem-feirinha-de-terca-a-domingo-veja-o-calendario/>

<https://www.agricultura.pr.gov.br/Endereco/Feira-Agroecologica-de-Foz-do-Iguacu>

CLIFFORD, James. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Organização de José Reginaldo Santos Gonçalves; tradução de Patrícia Farias. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CLIFFORD, James. Percursos: antropologia, história, literatura. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CONTRERAS, Jesús H.; GRACIA, M. A. Alimentação, sociedade e cultura. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

ESCOBAR, Arturo. Degrowth, postdevelopment, and transitions: a preliminary conversation. 2015. Disponível em: https://degrowth.viper.ecobytes.net/wp-content/uploads/2015/07/ESCOBARDegrowth-postdevelopment-and-transitions_Escobar-2015.pdf . Último acesso em 7 agosto. 2025.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GRANDIS, R. (1995): "Processos de hibridação cultural", em Zilá Berdn y Rita De Grandis (coords.): Imprevisíveis Américas: questões de hibridação cultural nas Américas, Porto Alegre, Sagra-DC Luzzatto / Associação Brasileira de Estudos Canadenses.

LA VÍA CAMPESINA. Documento oficial sobre agroecologia e soberania alimentar. 2015. Citado em BRITO, T. P.; ESQUERDO, V. F. Pensamento agroecológico latino-americano, 2022.

LAVILLE, Jean-Louis. A economia solidária: um movimento internacional. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 84, mar. 2009, p. 7-47. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/ficheiros2/files/JL_Laville_RCCS_84.pdf. Último Acesso em: 7 julho. 2025.

LAZARETTI, Mariella; SCHNYDER, Georges; EMBRATUR. Brasil, um banquete de culturas alimentares e diversidade de sabores. 2023. Disponível em: <https://www.prazeresdamesa.com.br/brasil-um-banquete-de-culturas-alimentares-e-diversidade/>. Acesso em: 29 maio 2025.

MARTINS, Lavínia Raquel Martins de; RUSCHMANN, Doris van de Meene. Desenvolvimento histórico turístico: estudo de caso Foz do Iguaçu. In: SEMINÁRIO DE

TURISMO, 6., 2005, Caxias do Sul. Anais [...]. Caxias do Sul: UCS, 2005. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/05/Desenvolvimento%20Historico%20Turistico%20Estudo%20de%20Caso%20Foz%20do%20Iguacu.pdf. Acesso em: 10 jun. 2025.

MONTANARI, Massimo. Comida e cultura: história da alimentação. São Paulo: SENAC, 2010.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: NORA, Pierre (dir.). Le lieu de mémoire – I: La République. Paris: Gallimard, 1984.

REINIGER, Lia Rejane Silveira; WIZNIEWSKY, José Geraldo; KAUFMANN, Marielen Priscila. Princípios de agroecologia. Santa Maria: UFSM, NTE, UAB, 2017.

ROSSET, P. et al. Agroecologia e epistemologia crítica: resistência e descolonização. 2020-2021. Citado em BRITO, T. P.; ESQUERDO, V. F. Pensamento agroecológico latino-americano, 2022.

SABOURIN, Eric. Sociologia da agricultura familiar: elementos teóricos e metodológicos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Novos estudos CEBRAP, São Paulo, n. 79, p. 71-94, nov. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrgc> Acesso em 19 jul. 2025

TURINO, Célio. A equação da Cultura Viva: $PC = (a + p) r$. IberCultura Viva, 28 dez. 2015. Disponível em: <https://iberculturaviva.org/la-formula-de-la-cultura-viva-pc-a-p-r/>. Acesso em: 02 jul. 2025.

TURINO, Célio. Pontos de cultura: o Brasil de baixo para cima. 2. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA. Sobre a UNILA. Foz do Iguaçu, 2025. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/institucional>. Acesso em: 10 jun. 2025.

UNILA. Núcleo de Apoio aos Povos da Terra – NAP. Disponível em: <https://sig.unila.edu.br/sigaa/link/public/extensao/visualizacaoAcaoExtensao/91794421>. Acesso em: 12 jun. 2025. <https://sig.unila.edu.br/sigaa/link/public/extensao/visualizacaoAcaoExtensao/91794421> (sobre a nota NAP - Núcleo de Apoio aos Povos da Terra)

Anexo A

Guia para Condução da Cartografia Social e Afetiva da Feirinha Agroecológica da UNILA

Este guia vai orientar a organizar e conduzir a construção da Cartografia Social e Afetiva da Feirinha Agroecológica da UNILA nos dias 18 e 19 de setembro.

1. Introdução e Apresentação da Atividade

Objetivo Geral:

Mapear de forma coletiva e afetiva as dinâmicas sociais e emocionais que envolvem a Feirinha Agroecológica, ressaltando seu papel como espaço de resistência, pertencimento e convivência.

Objetivos Específicos:

- **Compreender o papel da Feirinha na vida da comunidade acadêmica e local.**
- **Refletir sobre os vínculos afetivos construídos nesse espaço ao longo dos anos.**
- **Explorar vivências específicas em cada campus (JU e CI) para criar uma visão integrada da Feirinha.**

2. Materiais Necessários

Materiais para a Cartografia Coletiva:

- **Papel kraft, sulfite, cartolina (A1 ou A2): Para desenhar o mapa base dos campi JU e CI (ideia)**
- **Canetas e marcadores coloridos: Para desenhar e escrever no mapa.**
- **Post-its coloridos: Para anotar ideias que podem ser coladas no mapa (diferenciar por cores).**

- **Adesivos, fotos ou recortes de revistas:** Para representar elementos afetivos no mapa.
- **Fita crepe:** Para fixar os mapas na parede ou no painel.
- **Cola em bastão:** Para fixar imagens ou elementos no mapa.
- **Tesouras:** Para recortar as imagens e os post-its.

Materiais para Facilitação:

- **Bloco de notas:** Para registrar os principais insights.
- **Câmera ou celular:** Para registrar momentos da construção coletiva.

3. Roteiro da Atividade de Cartografia Social e Afetiva

1ª Fase: Abertura e Introdução ao Conceito de Cartografia Social

- **Apresentação do Objetivo:** Ojetivo da cartografia social e afetiva é mapear, de forma visual e criativa, as percepções, memórias e afetos dos participantes em relação à Feirinha.
 - **Referência:** Costa (2014), que vê a cartografia como ferramenta para captar percepções coletivas e sociais.
 - **Dica:** Enfatize que este é um mapa afetivo, não geográfico, onde as relações e sentimentos importam mais que a precisão do espaço físico.

2ª Fase: Discussão Inicial em Grupos (30 min)

- **Divisão dos Participantes:** Organize pequenos grupos (3-5 pessoas), cada um com um mapa base (JU ou CI), e distribua os materiais.
- **Questões para Reflexão:**
 - **Quais espaços da Feirinha mais os impactam afetivamente?**
 - **Que momentos e memórias marcaram suas vivências na Feirinha?**

- **Que relações e trocas foram fortalecidas nesse ambiente?**

- **Onde você come? Por quê? O que sabe sobre a história desse lugar?**

- Como a Feirinha contribui para a criação de um senso de pertencimento na comunidade acadêmica e externa?

- Que práticas coletivas ou de ajuda mútua você observou ou participou na Feirinha?)

- Você notou alguma dinâmica de poder ou exclusão na organização ou participação da Feirinha? Como isso impacta as trocas e colaborações?

- Como as questões de gênero, raça ou classe social influenciam sua participação ou a de outros na Feirinha?

- Quais trocas simbólicas (conhecimento, cultura, histórias) são tão valiosas quanto as trocas econômicas que ocorrem na Feirinha?

- Quais foram os desafios enfrentados pela Feirinha ao longo do tempo? De que maneira as dificuldades foram superadas de forma coletiva?

- Que impactos a Feirinha tem em seu cotidiano, dentro e fora da universidade?

- Como as relações que você construiu na Feirinha se estendem para além do evento? Existe cooperação ou apoio mútuo fora desse espaço?

- De que maneira a Feirinha fortalece as identidades e resistências culturais?

- Você considera que a Feirinha dá espaço suficiente para vozes e iniciativas que historicamente foram silenciadas ou marginalizadas?

Dica: Incentive a criatividade. Podem usar palavras, desenhos, símbolos e imagens que representem suas percepções afetivas.

3ª Fase: Composição da Cartografia Unificada (30 min)

- **Reunião dos Grupos:** Após a discussão nos grupos, todos se reúnem para construir uma cartografia única e coletiva, integrando as ideias dos dois campi (JU e CI).
- **Integração das Ideias:** Os grupos apresentarão suas contribuições e reorganizarão suas ideias no mapa coletivo, desenhando, colando e integrando símbolos afetivos.
 - **Discussão Coletiva:** Conduza uma reflexão sobre:
 - Quais os pontos em comum entre os grupos?
 - Como as experiências de cada campus se complementam?
 - O que a cartografia revela sobre o papel da Feirinha?
 - **Referência:** Traga Hutta (2020) e a ideia de “Territórios Afetivos”, que discute como o espaço carrega sentimentos de pertencimento e acolhimento.

4ª Fase: Reflexão Final e Encerramento (15 min)

- **Reflexão Coletiva:** Pergunte aos participantes o que aprenderam sobre a Feirinha a partir da cartografia afetiva e social. Como essa atividade impactou suas percepções?
- **Vínculo com o TCC:** Explique que as contribuições deles são essenciais para o seu TCC, que explora a Feirinha como um microcosmo da UNILA e sua importância comunitária.

4. Pontos Importantes a Enfatizar

- **Unificação dos Mapas:** Após a discussão em grupos, todos se reunirão para construir um único mapa que represente a Feirinha como um todo, integrando as particularidades dos campi JU e CI.
- **Conexão com o TCC:** Essa atividade é parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que investiga a Feirinha como um espaço de convivência, resistência e pertencimento - onde almejamos entender esse microcosmo multicultural que nos é oferecido semanalmente. Como essas relações e suas dinâmicas sociais e culturais nos afetam e como afetamos ela.
- **Perspectiva Afetiva:** Conceito de Bem Viver de Krenak (2020), reforçando como a Feirinha representa um espaço de integração e resistência comunitária.

O conceito de Bem Viver de Ailton Krenak, conforme apresentado em *Caminhos para a Cultura do Bem Viver* (2020), remete a uma filosofia indígena que propõe um modo de vida coletivo em harmonia com a natureza, priorizando o bem-estar comunitário, a sustentabilidade e a convivência pacífica entre humanos e o meio ambiente. O Bem Viver não se concentra apenas no indivíduo, mas na vida em comunidade, no respeito às diferenças e na interdependência de todos os seres vivos. Krenak critica a visão ocidental de progresso e desenvolvimento que explora a natureza de forma predatória, destacando a importância de uma vida integrada e equilibrada, baseada em valores ancestrais.

Na Feirinha Agroecológica da UNILA, essa filosofia se manifesta no espaço como um local de integração comunitária e resistência, onde se promovem práticas sustentáveis, o fortalecimento de laços sociais e a valorização dos saberes tradicionais. A Feirinha representa uma microcomunidade que reflete os ideais do Bem Viver, ao promover a troca de saberes, a agroecologia, a cooperação mútua e a resistência frente a sistemas que favorecem a exploração econômica e ambiental.

Krenak sugere que a sociedade contemporânea pode se beneficiar ao adotar o Bem Viver como uma forma de reimaginar a convivência e a sustentabilidade, algo que a Feirinha exemplifica em suas práticas e valores.

Citação:

"O Bem Viver é um convite para abandonar a ideia de que a natureza existe para servir ao ser humano e, ao contrário, entender que somos parte dela. As relações de troca e reciprocidade são fundamentais para a construção desse novo modo de viver." (Krenak, 2020).

Referências Utilizadas

- **Costa, L. (2014). Cartografia: uma outra forma de pesquisar. Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais, 7(2), 66-77. <http://dx.doi.org/10.5902/1983734815111>.**
- **Hutta, J. (2020). Territórios afetivos: Cartografia do aconchego como uma cartografia de poder. Caderno Prudentino de Geografia, 2(42), 63-89. <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7883>.**
- **Krenak, A. (2020). Caminhos para a Cultura do Bem Viver. São Paulo: Cultura do Bem Viver.**

ANEXO B.

Feirinha Agroecológica da UNILA: Questionário Semi-Estrutura do Multiculturalismo e Comida Afetiva na Feirinha Agroecológica da UNILA
Multiculturalismo e Comida Afetiva na Feirinha Agroecológica da UNILA

Este questionário faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da discente Adrielle Chiceri, estudante de Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar na UNILA. O TCC intitulado “Feirinha da UNILA: Um Microcosmo da Diversidade Latino-Americana - Caminhos para a Institucionalização e o Fortalecimento das Redes Sociais” visa explorar como a Feirinha Agroecológica reflete e interage com a diversidade cultural latino-americana e identificar estratégias para fortalecer suas redes sociais e sua institucionalização.

Objetivo: Explorar como a Feirinha Agroecológica da UNILA reflete a diversidade cultural e promove o hibridismo cultural através das práticas alimentares e sociais. O questionário busca entender como diferentes culturas coexistem e se combinam na Feirinha, influenciando as relações entre feirantes e consumidores.

Instruções: Por favor, responda às perguntas abaixo com base em suas experiências e observações na Feirinha Agroecológica. Suas respostas ajudarão a entender melhor a dinâmica cultural e a interação entre diferentes culturas no contexto da Feirinha.

Agradecemos sua colaboração!

Nome

*

Participação na Feirinha Agroecológica

*

Feirante

Consumidor

Frequentador

Consumidor e frequentador

Local de origem

*

Formação cultural ou experiência relevante (Quem é você? Produtor, artista, estudante, da comunidade, docente, etc.)

*

Após a seção 1

Seção 2 de 7

2. Experiência Cultural e Alimentar

Descrição (opcional)

Quais tipos de produtos você oferece ou consome na Feirinha?

*

Frutas

Hortaliças

Legumes

Produtos artesanais

Comida pronta

Outros...

A comida que você oferece ou que consome tem um significado cultural ou afetivo?

Sim, não ou em parte (descreva)

*

Após a seção 2

Seção 3 de 7

Interações Multiculturais

Conceito de Multiculturalismo:

Multiculturalismo é o reconhecimento e valorização da coexistência de múltiplas culturas dentro de uma sociedade. Na Feirinha Agroecológica da UNILA, isso pode ser observado na presença de feirantes e consumidores de diferentes origens culturais, cada um trazendo suas práticas, valores e tradições alimentares para o espaço comum da Feirinha.

Como você percebe a interação entre diferentes culturas na Feirinha?

*

Muito positiva

Positiva

Neutra

Negativa

Você já viu algum exemplo de comida ou prática de outra cultura sendo modificada ou combinada com outra na Feirinha?

(Marque todas as opções que se aplicam):

*

Sim, adaptei algum produto ou alguma prática da minha cultura

Sim, observei outros feirantes adaptando produtos ou práticas.

Sim, observei uma combinação de elementos de diferentes culturas.

Não, nunca presenciei isso.

Outros...

Essas adaptações ou combinações de culturas que você mencionou influenciam o relacionamento entre feirantes e consumidores?

(Marque todas as opções que se aplicam):

*

Sim, ajudam a criar um vínculo mais forte entre feirantes e consumidores

Sim, geram curiosidade e interesse nos consumidores.

Sim, mas às vezes criam desafios para manter tradições

Não, não percebi nenhuma mudança no relacionamento

Outros...

Após a seção 3

Seção 4 de 7

Hibridismo Cultural

8Conceito de Hibridismo Cultural:

Hibridismo Cultural refere-se ao processo pelo qual diferentes culturas se misturam e combinam para criar novas formas culturais que incorporam elementos de ambas as tradições. Na Feirinha Agroecológica, isso pode ser visto quando pratos tradicionais são reinterpretados ou adaptados ao contexto local, misturando influências de várias culturas presentes na comunidade da UNILA.

Você percebe que a Feirinha promove a combinação ou fusão de diferentes culturas?

(Marque todas as opções que se aplicam e, se possível, descreva):

*

Sim, através da mistura de ingredientes e receitas de diferentes culturas.

Sim, por meio de eventos ou atividades que combinam tradições culturais

Sim, na maneira como os produtos são apresentados ou adaptados para diferentes públicos.

Não, não percebo essa fusão cultural na Feirinha

Outros...

Você já observou algum evento ou situação na Feirinha que combine elementos de diferentes culturas?

(Marque todas as opções que se aplicam e, se possível, descreva):

*

Sim, durante a venda ou apresentação de produtos que misturam tradições culturais diferentes.

Sim, em atividades ou eventos que integram costumes de diversas culturas.

Sim, ao ver como os feirantes adaptam seus produtos para agradar a diferentes públicos.

Não, nunca observei essa combinação cultural na Feirinha.

Outros...

Após a seção 4

Seção 5 de 7

Reflexão e Impacto:

Descrição (opcional)

Como a Feirinha contribui para a valorização e preservação de culturas e tradições diversas?

*

Muito

Moderadamente

Pouco

Não contribui

Após a seção 5

Seção 6 de 7

Comentários Adicionais

Descrição (opcional)

Deseja compartilhar mais alguma experiência ou sugestão sobre a Feirinha?

*

Após a seção 6

Seção 7 de 7

Convite para Compartilhamento de Memórias

Gostaríamos de convidá-lo(a) a nos brindar com uma memória especial da Feirinha Agroecológica da UNILA. Se você tiver uma foto ou um vídeo que capture um momento significativo para você na Feirinha, seja uma interação, um prato especial, ou uma tradição cultural, por favor, compartilhe conosco! Sua contribuição enriquecerá ainda mais nosso estudo e a compreensão das experiências multiculturais e da comida afetiva nesse espaço.

Arquivos fotos e vídeos da Feirinha